



**UNIVERSIDADE INTERNACIONAL DA INTEGRAÇÃO
DA LUSOFONIA AFRO BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ALCIDES DOS SANTOS BARRETO OBÁNILÈ

**TAWAMIM, MULHER NEGRA E EMPODERADA: A RELIGIÃO DE
CANDOMBLÉ COMO MECANISMO IMPULSIONADOR AO EMPODERAMENTO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

ALCIDES DOS SANTOS BARRETO OBÁNILÈ

**TAWAMIM, MULHER NEGRA E EMPODERADA: A RELIGIÃO DE
CANDOMBLÉ COMO MECANISMO IMPULSIONADOR AO EMPODERAMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na
Universidade Internacional da Integração da Lusofonia
Afro-Brasileira – Unilab como requisito básico obrigatório
para conclusão da Graduação no Curso de Bacharelado em
Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristiane Santos Souza.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

O12t

Obánilè, Alcides dos Santos Barreto.

Tawamim, mulher negra e empoderada : a religião de Candomblé como mecanismo
impulsionador ao empoderamento / Alcides dos Santos Barreto Obánilè. - 2019.
88 f. : il. mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristiane Santos Souza.

1. Candomblé - Bahia - História. 2. Feminismo - Bahia. 3. Mulheres - Vida religiosa -
Bahia. I. Mãe Nilza Tawamim, Sacerdotisa - Biografia. II. Título.

BA/UF/SEBI

CDD 922.8142

ALCIDES DOS SANTOS BARRETO OBÁNILÈ

**TAWAMIM, MULHER NEGRA E EMPODERADA: A RELIGIÃO DE
CANDOMBLÉ COMO MECANISMO IMPULSIONADOR AO EMPODERAMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira – Unilab como requisito básico obrigatório para conclusão da Graduação no Curso de Bacharelado em Humanidades.

Aprovado em 09 de agosto de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Cristiane Santos Souza (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Carla Craice da Silva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Marlon Marcos Vieira Passos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira - UNILAB

Dedico este trabalho a minha ancestralidade e a esta grande sacerdotisa que foi o verdadeiro e único motivo que serviu de inspiração para tornar real este projeto. A ela que me ensina diariamente como lidar com as adversidades da vida e de forma sutil contribui para nos preparar para vida e com seu dom mostra como é prazeroso servir.

Mãe Nilza, ou simplesmente Tawamim, minha avó sacerdotal que como uma fênix aprendeu a ressurgir sempre, cada vez mais firme e mais decidida, não tenho palavras que possa justificar o tamanho da minha GRATIDÃO.

AGRADECIMENTOS

À Olorum por me conceder o privilégio de conhecer a religião do Candomblé;

Ao meu orixá, Ayrá, e à minha mãe de Grandezura Oyá de Otum Balé por terem me escolhido e por terem me confiado o posto de guardião dos preceitos ancestrais;

À Ngongombila por permitir contar um pouco da história de vida de sua filha Tawamim;

À Mãe Nilza por ter me acolhido no seio do Nzó de Mutalemim e por ser o exemplo que nos encoraja a seguir em frente;

À minha Yalorixá, Rita de Cassia, por confiar em mim e no meu potencial;

Ao meu companheiro Alexandro Paulilo, por ter sido o grande e fundamental incentivador deste trabalho;

Aos meus professores Carla Craice, Marlon Marcos e principalmente a minha orientadora Cristiane Santos por terem sido os veículos facilitadores e a ferramenta principal de fundamental importância na construção do meu saber;

Aos meus pais biológicos, Sr. Aurino Santos Barreto e Sr.^a Ivaneide Cerqueira dos Santos, por terem me proporcionado o melhor deles e por sempre me direcionarem no caminho do bem e da evolução.

Às minhas tias de santo, Rosane Machado (Twangelê), Maria Efigênia (Madobi), por terem contribuído como fontes orais resgatando assim memórias das vivências junto a sacerdotisa no Mutalemim;

E, finalmente, a todos que direta ou indiretamente contribuíram comigo na minha jornada.

“Não sou descendente de escravos. Eu descendo de seres humanos que foram escravizados”.

Valdina Pinto (Makota Zimeuanga)

RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar a história de vida de uma sacerdotisa, negra que consegue se empoderar a partir dos diversos mecanismos impulsionadores da religião de matriz africana. Mãe Nilza-TAWAMIM, nascida em 10 de novembro de 1934, na cidade de Mata de São João, onde cresceu e vive até hoje. Foi iniciada na religião do candomblé ainda criança, e atendendo ao chamado da ancestralidade se torna a herdeira do templo onde foi iniciada e mantém viva a tradição cultural e religiosa até os dias atuais. Um registro da fé e da resistência de uma mulher que através da religião assegura o direito de ser quem é frente as adversidades enfrentadas ao longo da sua trajetória.

Palavras-chave: Candomblé - Bahia - História. Feminismos - Bahia. Mãe Nilza Tawamim, Sacerdotisa - Biografia. Mulheres - Vida religiosa - Bahia.

ABSTRACT

This paper aims to present life story of a black priestess who can be empowered from the various mechanisms driving the religion of African matrix. Mother Nilza-TAWAMIM, born on November 10, 1934, in the city of Mata de São João, where she grew up and still lives today. It was initiated in the religion of candomblé as a child, and in response to the call of ancestry it became the heir of the temple where the cultural and religious tradition was initiated and kept alive until the present day. A record of the faith and resistance of a woman who, through religion, assures the right to be who she is in the face of the adversities faced at the time of her trajectory.

Keywords: Candomblé - Bahia - History. Feminism - Bahia. Mother Nilza Tawamim, Priestess - Biography. Women - Religious life - Bahia.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|------------------|---|----|
| Figura 1 | Caminho de carro de São Francisco do Conde para Mata de São João | 26 |
| Figura 2 | Mapa Turístico Mata de São João | 27 |
| Figura 3 | Igreja Matriz de São João Batista - Mata de São João BA, 1968 | 28 |
| Figura 4 | Foto de Mãe Menininha de Agué | 31 |
| Figura 5 | Nilzete Francisca dos Santos (Mãe Nilza – Tawamim). A primeira da iniciação em 1944 | 35 |
| Figura 6 | Cerimônia de premiação na Câmara de Vereadores em Mata de São João BA. Recebimento da Comenda Garcia D'Ávila em 2017 | 35 |
| Figura 7 | Gravura representativa da divindade Ngongo Mbila segundo a mitologia Mbantu, pintada por Felipe Caprini | 38 |
| Figura 8 | Registro de Mãe Nilza em atividade religiosa processo interno de obrigação de uma filha de santo no ano de 1970 | 39 |
| Figura 9 | Registro da incorporação do caboclo Lage Grande em Mãe Nilza, fazendo reverência ao assentamento no centro do terreiro (Intoto), no ano de 1972 | 40 |
| Figura 10 | Registro fotográfico de Pai Mário e do Senhor Genésio dos Santos indo para o trabalho, em 1975 | 41 |
| Figura 11 | Babalorixá Valdemar Ferreira da Silva, com o Nkisi Ngongo Mbila. erimônia pública da obrigação de Mãe Nilza no ano de 1980 | 45 |
| Figura 12 | Pai Mario, Mãe Nilza e filhos do terreiro na lavagem do Bonfim em Mata de São João no ano de 1979 | 48 |
| Figura 13 | Mãe Nilza no quarto do Nkisi após ritual de Sukuranise, no ano de 1979 | 49 |
| Figura 14 | Mãe Nilza em atividade religiosa distribuindo pipoca “Flor do Velho Omolu” numa segunda feira após saída de um barco de neófitos no ano de 1990 | 50 |
| Figura 15 | Caboclo Lage Grande abençoando seus filhos, ano de 1980 | 50 |
| Figura 16 | Registro fotográfico do caboclo Lage Grande em dia de festa no terreiro no ano de 1980 | 52 |
| Figura 17 | Organograma Sacerdotal Ancestral | 55 |
| Figura 18 | Maria Genoveva do Bomfim | 56 |
| Figura 19 | Manoel Ciriano de Jesus, Tata Nlundiamungongo | 58 |
| Figura 20 | Mãe Nilza incorporada com o Nkisi Ngongo Mbila no ritual de Deká | 63 |
| Figura 21 | Entrada Principal do Terreiro Mutalemim | 66 |
| Figura 22 | Mário dos Santos (Tata Orodeusi) | 68 |
| Figura 23 | Diploma emitido pela Câmara Municipal de Vereadores de Mata de São João em alusão a celebração da Comenda Gárcia D'Ávila | 70 |

| | | |
|------------------|---|----|
| Figura 24 | Comenda Gárcia D'vila | 70 |
| Figura 25 | Placa de Reconhecimento pelos importantes serviços sacerdotais prestados na comunidade tradicional, ofertado em cerimonia pública em um terreiro de tradição bantu na cidade de Pojuca | 71 |
| Figura 26 | Prmio Destaque e Influência - Lélia Gonzalez, que tem como objetivo reconhecer a militância de mulheres negras que através de atividades sociocultural incentiva e promove os saberes | 71 |
| Figura 27 | Nilzete Francisca dos Santos (Mãe Nilza Tawamim) Sacerdotisa do Culto Tradicional Mbantu 2017 | 73 |
| Figura 28 | MAMETO TAWAMIM / Sacerdotisa do Terreiro Mutalemim 2017 | 74 |
| Figura 29 | Mulheres do Nz de Mutalemim 2017 | 76 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EAV - Escola de Artes Visuais do Parque Lage

FENACAB - Federação Nacional de Culto Afro-brasileiro

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

IPAC - Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

MNUCDR - Movimento Negro Unificado contra Discriminação e o Racismo

MNU - Movimento Negro Unificado

TOPA - Todos Pela Alfabetização

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 14 |
| 2 | NASCIMENTO, ONDE TUDO COMEÇOU... | 21 |
| 2.1 | JUSTAMENTE EM UMA MATA QUE A ANCESTRALIDADE ME FEZ NASCER | 24 |
| 2.2 | A ADOÇÃO E A VIDA DENTRO DE UM TERREIRO DE CANDOMBLÉ | 30 |
| 2.2.1 | Silvina Maria de Almeida – Mãe Menininha de Agué | 31 |
| 3 | INICIAÇÃO: O RENASCIMENTO E ASPECTOS HISTÓRICOS QUE ATRAVESSAM A TRAJETÓRIA INICIÁTICA | 35 |
| 3.1 | NKISI/ORIXÁ – ASPECTOS IDENTITÁRIOS DA DIVINDADE REGENTE | 37 |
| 3.2 | RESPONSABILIDADE SACERDOTAL | 39 |
| 3.3 | MUDANÇAS E PARADIGMAS | 43 |
| 4 | TAWAMIM/MUTALEMIM: GENEALOGIA SACERDOTAL, ACEITAÇÃO E RECONHECIMENTO - O INÍCIO DE UMA NOVA HISTÓRIA NO TERREIRO | 54 |
| 4.1 | GENEALOGIA SACERDOTAL | 54 |
| 4.2 | GENEALOGIA SACERDOTAL E ORGANOGRAMA ESTRUTURAL DOS TEMPLOS ANTECESSORES QUE DEU ORIGEM AO MUTALEMIM | 61 |
| 4.2.1 | Aceitação e reconhecimento | 62 |
| 4.3 | INÍCIO DE UMA NOVA HISTÓRIA NO TERREIRO | 66 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 77 |
| | REFERÊNCIAS | 80 |
| | ANEXOS | 83 |

1 INTRODUÇÃO

Tive o grande prazer e a honra em conhecer a história de Nilzete Francisca do Santos através do meu companheiro Alexandro Paulilo, o Tata Kamunkenge¹. Foi no aniversário dela, no dia 11 de novembro de 2015, oportunidade na qual pude conhecer esta pessoa iluminada, com sua história de superação e de admiração de todos do bairro onde residia. Como muito pouco tempo depois foi possível constatar como os meus próprios olhos toda dedicação, zelo e apreço além do enorme prestígio e influência que essa sacerdotisa representa.

Era notório a emoção dela como também o poder de liderança que desempenhava dentro daquela comunidade. Herdeira de uma geração na qual esta mulher com maestria, ética e equilíbrio direcionou a todos que a procurava e por muitas vezes teve seu poder e hierárquico questionado e por vezes reprimido pelo comportamento patriarcal coronelista de seu companheiro que a todo instante empreitava falas e atitudes com intenção de diminuí-la, mais isso só tornava mais forte e mais convicta de sua missão. Diante de tudo isso e com fortes elementos que a identificava como uma mulher negra da religião de matriz africana que se empoderava a partir das dificuldades diárias e isso me chamou atenção para motiva a escrita de sua trajetória de vida para que posteridade tenha conhecimento desse legado tão rico e tão motivador.

Corroborando com a afirmação acerca do comportamento machista patriarcal que era comum nas práticas da religião tradicional, o pesquisador Marlon Marcos Passos afirma:

o sentido de mundos femininos frente ao domínio patriarcal e machista da sociedade baiana nos anos 30 (e certamente até os dias atuais) é fundamental para se falar da fundação de um terreiro entre os anos de 1936 e 1937, por uma mulher que, não necessariamente sozinha, através do seu comércio de alimentos sustentou durante anos uma comunidade, exercendo poderes simbólicos e concretos e ajudando a reescrever a história de tantas outras pessoas que passaram por seu caminho (2016, ps. 61-62)

E para além deste comportamento se faz necessário pontuar a resistência da presença feminina em especial da mulher negra que historicamente vem assegurando o seu protagonismo dentro da representatividade do legado tradicional. Nesta direção ainda Passos (2016) destaca, ao se pensar o candomblé neste período, imaginando o poder que as mulheres negras passaram

¹ É um título honorífico da nação bantu nos candomblés de angola, que representa uma espécie de segunda pessoa com autoridade igual ao do líder espiritual da casa.

a ter no comando de muitas casas nagô-ketu, perfilando um quadro compreensivo que fez Ruth Landes chamar Salvador de a cidade das mulheres, também imaginando e alcançando as ruas centrais da negra cidade onde um número expressivo de mulheres ganhava a vida de muitos jeitos, deparamo-nos com a assertiva de Ferreira Filho (2003, p. 23) sobre os mundos femininos da Roma Negra das Américas, quando o historiador sentencia.

Após as constatações no dia 01 de julho 2016, oportunidade na qual o destino e a ancestralidade me convidaram a fazer parte dessa história e com isso tive a honra de me torna membro da família e assim pode conhecer mais intimamente toda história de vida de mãe Nilza. Agora com o Título de Bojuto de Balé², após a confirmação detém a confiança tanto das pessoas como das divindades da casa passando a compor o quadro de membros do alto escalão sacerdotal dos que ali residem.

Minha sacerdotisa, a qual me iniciou (Rita de Cassia), cuja dijna “Obalodê” também e a mãe pequena da casa a qual tenho imensa gratidão por ter me acolhido me apresentado ao meu orixá. O posto a me atribuído foi dado pelo orixá Oya, nessas trajetórias sigo buscando cada dia me aperfeiçoa e honra cada compromisso na comunidade religiosa, e ao lado da sacerdotisa maior Nilzete e todos os seus filhos e netos estamos dando continuidade ao seu legado onde cada aprendizado se torna mágico e único dentro do Mutalemim, experiências vivenciadas que contribui pra o meu crescimento espiritual na busca de me torna um indivíduo cada vez melhor.

Em um momento atípico numa tarde de sábado, sentada majestosamente no seu trono, Mãe Nilza³ me recebeu para contar um pouco da sua trajetória de vida, o que possibilitou a construção do presente trabalho tendo como objetivo destacar os pontos de resistência de trajetória de vida da Mameto Tawamim que nos possibilita gerar saberes e contribuição para que cada vez mais o meio acadêmico possa ter elementos para compreender e respeitar a trajetória das comunidades de matriz africana de origem Bantu e dos demais povos que compõem as nações de candomblé.

O Processo de pesquisa aconteceu exatamente às 14 horas do dia 17 de fevereiro do ano de 2018 foram consultadas referências de outros autores, e foram realizados entrevista com membros do terreiro, amigos e vizinhança. Em um sábado alegre e festivo para todos da

2 Representante honorífico responsável pela comunicação com os ancestrais. Cargo recebido da divindade Oya que e responsável pelo trato com ancestralidade e os interesses particulares da entidade.

3 Mãe Nilza, um dos pseudônimos de Nilzete Francisca dos Santos.

comunidade religiosa daquele local. Pude observar atentamente as falas de alguns membros mais velhos, que entre risos pontuavam situações corriqueiras sobre a história de vida de Nilzete Francisca dos Santos.

Com base nos relatos colhidos posso então dividir um pouco daquela experiência mágica vivida por mim através dos relatos dela.

Enquanto pesquisador, inserido nesse processo e por ser parte integrante iniciado no culto de matriz africana, falo com particularidade sobre os relatos dos mais antigos sobre a trajetória daquela que se torna a grande mãe do Unzó Mutalemim. Como Ogan com o título de Bojuto outorgado pelo orixá Oya da Yá kekerê que a 40 anos acompanha a sacerdotisa titular da casa e isso, muito antes da minha confirmação já ouvia os relatos sobre o caráter e personalidade forte de mãe Nilza, o que me aguçava ainda mais o interesse em conhecer a história de vida desta senhora.

Contudo, percebendo o meu lugar de fala enquanto uma pessoa que defende e protege os princípios da religião de Matriz Africana, não poderia nunca deixar de pontuar que este espaço é de fato um lugar inclusivo e ocupa-se inteiramente em promover saberes, tanto para o meio acadêmico como para a comunidade civil que por intermédio das intervenções do exercício religioso promove de forma sublime a produção das mais diversas formas de saberes. Entretanto, convém salientar que para a produção do saber não precisa necessariamente da academia, basta ser um espaço que de algum modo discuta o sentimento de pertencimento e promova a reflexão quando objeto e contextualize com o espaço de fala e de produção sociopolítico e cultural, a fim de trazer para a discussão o ser e o pertencer a um grupo que contribui com a comunidade tradicional.

Assim meu contexto religioso, minha prática política e minha formação como sujeito levou-me a construir este trabalho cujo objetivo é transcrever a trajetória religiosa de mãe Nilza, sacerdotisa de matriz africana da cidade de Mata de São João, devido à complexidade de manifesta ações e práticas religiosa e culturais que se referem tanto aos Mukixi quanto aos encantados ameríndios que demarcam características do candomblé Bantu da religião metropolitana da Bahia. Mãe Nilza representa o poder das mulheres de candomblé e sempre foi uma mulher a frente de seu templo transformando-se em uma personalidade de Mata de São João não só pra seus filhos biológicos ou do Unzó mais para toda comunidade, e por isso vale ressaltar sobre sua vida e sua trajetória de resistência à frente o Unzó do Mutalemim construído e herdado por sua e adotiva mãe Mininha de Agué.

Esta monografia tem por finalidade destacar os pontos relevantes da trajetória de vida de uma criança pobre negra que se torna uma mulher ativa e empoderada que conquistou sua independência a partir da religiosidade. Também suscitou elementos importantes que mostra como a religião de matriz africana possibilitou criar estratégias de resistência e sobrevivência mesmo tendo que enfrentar problemas como a discriminação, a intolerância e o machismo numa época onde a sociedade tinha forte influência do catolicismo, pois este era imperioso por ser uma das religiões mais expressivas e uma das vertentes do cristianismo que ainda hoje detém a maior comunidade de cristãos existente no planeta.

Segundo Ribeiro (2012), a função dos jesuítas era a conversão e educação dos índios brasileiros, até então considerados povos bárbaros pelos portugueses. Uma vez convertidos e educados, os índios poderiam receber ordens mais facilmente e servir como melhor mão de obra. Além disso, os padres terminavam por proteger os índios contra os maus tratos dos colonizadores, isso também ocorria com os povos negros que na condição de escravizados tinham que ser submetidos a fé católica que naquela época até meados do século XX era a referência para esta população. Em um trecho do seu artigo o autor afirma que:

Uma vez em terras brasileiras, a responsabilidade pela catequização dos negros era de seus donos: a Igreja Católica confiou nos senhores de engenho a educação religiosa básica. Como o procedimento não era muito exigente, para se considerar “educado”, bastava o negro responder a algumas perguntas simples, como: Queres lavar tua alma com água santa? Queres provar do sal de Deus? Jogas fora tua alma todos os teus pecados? Não pecarás nunca mais? Queres ser filho de Deus? Jogas fora da tua alma ao diabo? (RIBEIRO, 2012, p12).

Além de dificuldades sociais e culturais enfrentadas naquela época este trabalho elencar subsídios para a construção da produção científica a fim de contribuir estudos antropológicos sociais e culturais do povo de matriz africana. Buscar elementos relativos à religião do candomblé como mecanismo impulsionador ao empoderamento da mulher negra. Dá visibilidade e fortalecimentos de propostas onde a mulher passa a ser protagonista da sua própria história buscando destacar os pontos relevantes na trajetória de vida de uma mulher negra candomblecista que contrariando as estatísticas, conquistou sua independência a partir da religião, isso perpassando as problemáticas e contrastando com as constantes adversidades da vida, que no tocante, serviram de mola impulsionadora para alavancar o desejo de superação.

Com base nessa história e tendo como premissa a sua independência e a autoafirmação diante dos aspectos religiosos como fator preponderante para a concepção e de não sucumbir

diante da negação imposta pelas circunstâncias da vida. Neste aspecto é notório que a mulher negra e de candomblé, passa por um processo transformador que a torna capaz de enfrentar os grandes desafios que a vida impõe, preparando-a para diferentes situações.

Entretanto, pra melhor fundamenta esta pesquisa se faz necessário elenca a questão do empoderamento com as ações cotidianas que vive a mulher de candomblé e em especial aquela que como protagonista de sua própria história se torna o diferencial e o exemplo pra outras mulheres, que a parte daí utilizam os mesmos critérios para justificarem as ideologias afirmativas que transforma de forma significativa a própria história.

Não foi diferente com a própria Nilzete que desde da infância teve que prova o tempo todo que era capaz, capaz de sobreviver, capaz de amadurecer, ser manter, forma família num período em que o comportamento machista coronelista e patriarcal se sobre saiam fazendo com o que a mulher a todo tempo se sentir se inferiorizada.

Nestes aspectos a religião de Candomblé desconstrói esta imposição da sociedade para dar visibilidade a uma mulher que se torna a parte do processo de iniciação uma líder religiosa respeitada por todos. Fazer da resiliência um habito constante e é a marca registrada de todas as grandes mulheres que a frente do seu templo enfrentou as ideologias opressoras de um sistema racista e eurocêntrico, sendo na verdade esta forma de enfrentamento e a única estratégia de sobrevivência, assim como foi sincretismo afro religioso uma forma de manutenção camuflada da religião do candomblé por muito tempo.

Segundo Nilzete, ser uma mulher de candomblé e muito gratificante, pois e um misto de sentimento e comportamentos que não se confundem e sim se complementam, moldando a personalidade construindo um caráter ético que dificilmente se confundem, “é uma cuidadora por excelência”, um cuidar que está além do ver e do sentir e conseguir enxerga o outro com sua plenitude (corpo, espírito e natureza). E de nossas mãos que a vida e tecida e cuidada dentro de casa, dentro do terreiro e na sociedade.

Justifica-se pela história oficial, ao mistificar a atuação do feminino negro restrita ao âmbito do corpo e da sexualidade que nega e silencia o protagonismo e a insubordinação das mulheres negras que, diante da escravidão, do racismo, do sexismo e da pobreza, engendraram e ainda hoje elaboram cotidianamente mecanismos de resistência e estratégias de preservação da sua cultura e dignidade. Desta forma, ancorada no entendimento dessa experiência histórica diferenciada, marcada pela interseção das desigualdades de raça, gênero e também classe, é que

se propõe uma reflexão sobre o feminino negro nos territórios de pertencimento dos cultos afro-brasileiros, por meio da análise de personagens que atuam como sacerdotisas.

Como um relevante aspecto de justificativa sobre o empoderamento da mulher negra dentro do candomblé e como motivo impulsionador, este estudo revela que a construção se dá de forma individualizada, a partir das relações de necessidades em que o estudo promove dentro das relações com o social da comunidade tradicional. Este tema identifica um importante fator ligado ao empoderamento, quanto a religião e como uma atitude que auxiliava nos engajamentos sociopolíticos das mulheres da religião de matriz africana poderiam contribuir para este. Neste trabalho, o autor evidencia como o empoderamento é iniciado a partir das relações de representações do matriarcado pode servir de modelo próprio na construção do diferencial de pertencimento, ou seja, como as mulheres que perpassaram na religião podem servi de referência a partir de força interior e do arquétipo de pessoa guerreira que desta forma serve como exemplo a outras tantas mulheres negras e de candomblé. E assim evidenciar a relação da mulher do candomblecista sobre a perspectiva do imaginário que se insere dentro do contexto mitológico da religião.

Convém ressaltar como forma de validar esta proposta de pesquisa a inquestionável afirmação de que no candomblé do século XX, a mulher negra estabelecia um importante papel de poder enquanto sacerdotisa dentro do terreiro, e isto era bastante significativo para a comunidade do terreiro, mesmo que a sociedade não reconhecesse este prestígio. A altivez e autonomia das grandes sacerdotisas eram percebidas e representadas pela forma de liderar seus espaços religiosos e com isso promoviam uma ressignificação enquanto sujeitas fora da diáspora, estabelecendo uma nova organização perante os paradigmas da época.

Baseado nos trabalhos de campo realizadas com a protagonista desta pesquisa no terreiro ao qual ela lidera e outros entrevistados que compõe a sociedade afro sacerdotal daquela comunidade, como também através de parentes e pessoas próximas ligadas à religião a qual fazem parte do convívio da sacerdotisa.

Pode-se destacar a fundamental contribuição de sua irmã de sacerdócio Madobi, e fiel confidente, além da Sra. D. Lurdes que é vizinha e comadre sendo também uma das mais antigas e frequentadoras do Terreiro. Foram consultados alguns filhos de santos mais antigos como: (Rita Lodê, Rosane-Twangelê, Alex-Mukalesimbi) os quais contribuíram imensamente com esta pesquisa.

Para a construção desse trabalho foi necessário a realização de pesquisa de campo e entrevistas com a protagonista, que neste contexto teve fundamental importância e foi à maior contribuinte de informações para formatação desta pesquisa. Foi utilizado para agregar conteúdo a busca de relatos de vizinhos e amigos mais íntimos, como também filhos de santos mais velhos e pessoas ligadas a religião de matriz africana fora da própria instituição.

O Aporte de pesquisa de outros artigos acadêmicos de referências e outras fontes de pesquisas de texto contribuiu para idealização e fundamentação teórica, podendo desta forma trazer mais subsídios que vieram como norteadores para construção desse projeto de pesquisa.

Elementos de pesquisados acerca de títulos como: “Povos e comunidades tradicionais de matriz africana uma análise sobre o processo de construção de uma categoria discursiva”, “A imagem arquetípica da guerreira: um diálogo com as mulheres empoderadas no candomblé”; “O candomblé da Bahia na década de 1930”, todos os textos foram de suma importância, pois contribuíram para a elucidação de aspectos acerca de termo como empoderamento e Trajetória de vida.

Desse modo, contextualizo para trazer a luz da discussão sobre o processo de empoderamento a partir da religião, refletindo a participação da mulher negra como protagonista de sua própria história, neste sentido se torna imprescindível o seguinte questionamento: Como a religião do candomblé contribui como mecanismo impulsionador para o empoderamento da mulher negra?

Para tal, organizei o trabalho em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. No primeiro, intitulado **Nascimento – Onde tudo começou...** trato sobre o período da infância e da condição de vida dos pais de mãe Nilzete; sobre as dificuldades e processo de adoção. No segundo, intitulado **Iniciação – O Renascimento e Elementos Históricos ao Longo da Trajetória Iniciática** descrevo sobre os principais elementos desde a iniciação até o momento em que se torna a sacerdotisa diante dos problemas enfrentados acerca da herança e outros determinantes. No capítulo três, **Tawamim/Mutalemim: Genealogia Sacerdotal; Aceitação e Reconhecimento: O início de uma nova história no terreiro**, abordo a fase de reestruturação do terreiro e aceitação quanto a nova composição de liderança e os primeiros neófitos, o apogeu, homenagens de reconhecimento e quem se tornou Nilzete Francisca dos Santos.

2 NASCIMENTO, ONDE TUDO COMEÇOU...

Nascida no dia 10 de novembro de 1934 num sábado, filha de Pedro Francisco dos Santos que trabalhava como agricultor e Davínia Francisca dos Santos que era doméstica, no bairro do Diamante, na cidade de Mata de São João, onde cresceu e vive até hoje, Nilzete Francisca dos Santos. Terceira filha de cinco irmãos de origem humilde onde desde muito cedo aprendeu a valorizar os princípios da família e valores morais da cidadania; teve uma infância muito difícil, pois ainda pequena tinha que acompanhar os seus pais nos seus serviços para garantir o sustento da família, prática comum daquela época, tendo que abrir mão da escola, conjuntamente com seus irmãos mais velhos dedica-se a cuidar da casa e as vezes ajudar os seus pais na lavoura, renunciando aos momentos de diversão e brincadeira que deveriam preencher o universo das crianças.

Quando criança eu era muito franzina, enfrentou períodos de convalescença, fui vítima de doenças comuns daquela época, como: caxumba, sarampo e catapora; E seus pais, por não disporem de recursos para cuidar da manutenção alimentar e outros custos referentes a remédios, se viram obrigados a “doar” alguns dos seus filhos evitando assim que os mesmos sofressem com os problemas daquela época (desempregos, inflações e fome). E neste momento, Nilzete respira fundo, rememorando e em voz serena, baixando a cabeça e diz: “me lembro bem as vezes que tínhamos que comer farinha seca com pimenta ralada e um gole de água pra ajudar a descer, ficava feliz quando as vezes tínhamos um pedaço de carne pra comer”. (MÃE NILZA, 2019).

Naquela época entre os anos 1930 a 1940, os pais atravessavam momentos de crise, cada dia era mais difícil de conseguir serviço e, conseqüentemente, mais difícil de levar o sustento para casa, restando a eles a alternativa de entregar alguns dos filhos para serem criados por parentes com mais “posses” ou pessoas de suas confianças que pudessem proporcionar o mínimo de conforto e boa alimentação.

Essa prática era mais comum do que se imagina. Muitas famílias de baixa renda, cujos problemas socioeconômicos eram constantes optavam como alternativa para driblar as condições de desigualdades essa estratégia de entregar dos filhos para a adoção/criação por parentes consanguíneos e ou de consideração, pessoas de confiança que tivessem uma “condição de vida melhor” que as suas.

Segundo Paulina e Ferreira et.al (2017), nesta perspectiva, a adoção surge como possibilidade de oferecer à criança a oportunidade de continuar investindo na construção dos relacionamentos sociais mais estáveis e vínculos afetivos mais duradouros, em um novo e definitivo ambiente familiar. Neste sentido a adoção cria relações de paternidade e filiação entre duas pessoas, fazendo com que o adotado se desenvolva dentro de um núcleo familiar, independente do ato biológico.

Já as pesquisadoras, Fonseca e Sena et.al (2013), correlacionam as definições sobre vulnerabilidade, o que remete à ideia de fragilidade e de dependência, que se conecta à situação de crianças e adolescentes, principalmente os de menor nível socioeconômico. Devido à fragilidade e dependência dos mais velhos, esse público torna-se muito submisso ao ambiente físico e social em que se encontra. Em determinadas situações, o estado de vulnerabilidade pode afetar a saúde, mesmo na ausência de doença, mas com o abalo do estado psicológico, social ou mental das crianças e dos adolescentes.

Na mesma direção, Contente, Cavalcante e Silva (2013), a adoção se constitui em uma medida de proteção especial que tem como principal objetivo dar às crianças que se encontram em acolhimento institucional o direito de viver em família e construir novos vínculos socio afetivos. Esta medida, contudo, requer a preparação de pais e filhos pela própria natureza da experiência a ser vivenciada, uma vez que a adoção implica, sobretudo, em um processo longo e progressivo de adaptação da criança ao convívio com a nova família. Sabe-se hoje que, quando se adota alguém, se acolhe também a sua história de vida, inclusive as marcas deixadas por sua contínua exposição a situações de risco em contextos primários anteriores.

Contudo, a condição citada no parágrafo anterior ou a forma legal de processo de adoção em que os autores se referem não se aplicou a Nilzete uma vez que ela foi entregue sem o crivo da lei, configurando ai neste aspecto um tipo de ação particular com base na confiança estabelecida pelo vínculo de amizade. Como ressalta mãe Nilza neste trecho: “meus pais conheciam minha mãe Menininha e como ela era amiga da família e já ajudava a todos nós, me pediu par ficar com ela e meus pais aceitaram e eu vim morar com ela”. (NILZETE, 2019)

Desse modo, com base nos diversos relatos a mim confiados durante esta pesquisa como também nas minhas vivências no terreiro, me convém afirmar que nada disso parecia intimidar aquela que nasceu predestinada a vencer todas as adversidades das circunstâncias que a vida te apresentava, sempre motivada esperançosa, Nilzete seguiu com entusiasmo e determinada a se tornar uma mulher vigorosa e cheia de virtudes, o que parece fazer muito

sentido como o perfil da mulher e mãe que se apresenta diante de tudo que pude constatar até aqui.

Como se quisesse justificar a atitude de seus pais, mãe Nilza insistia em dizer que foi devido às dificuldades em que seus pais tinham para manter os sustentos dos cinco filhos, precisaram doá-la para uma senhora, amiga da família, a senhora Silvina Maria de Almeida, pessoa influente na cidade. Esta senhora era a única enfermeira e parteira que trabalhava na usina de cana-de-açúcar conhecida como Usina Pitanga⁴, localizada no povoado de Pitanga, na Zona Rural de Mata de São João, fundada por Luís Antônio Simões Meireles⁵, Barão Açú⁶ da Torre.

Segundo o site de Correspondência de perfis de árvores genealógicas Luís Antônio Simões de Meireles, foi primeiro e único barão do Açú da Torre. O Título lhe foi conferido por decreto imperial em 31 de agosto de 1889, emitido por D. Pedro II, o que nunca foi legalizado por ter sido proclamada a República, ocorrida pouco tempo depois. O Título fez referência as terras da fazenda onde o nobre nasceu, em 15 de agosto de 1862. Filho do major da Guarda Nacional Manuel João dos Reis Meireles, irmão da Baronesa de Monte Santo a qual o criou desde cedo devido a precoce perda dos pais. Casou-se com Adelaide Vaz de Carvalho, filha do coronel Francisco Vaz de Carvalho, e de Virgínia de Castro, proprietários e residentes no Engenho Aratu, em Salvador. com a qual teve numerosa descendência, presente e atuante nos corredores do poder do estado. Em 1897 o “Barão” montou um engenho Bacopari, da sua propriedade, a Usina Pitanga tornou-se grande chefe político da cidade de Mata de São João, falecendo em no município de Nazaré, (Ba).

Além de todas essas qualidades Dona Silvina era Mameto de Nkisi (Sacerdotisa da Religião de Matriz Africana Bantu). Por morar sozinha e ter muitas atribuições a presença da pequena Nilzete no novo lar foi de grande valia, uma vez que ela já executava aos 10 (dez) anos de idade diversas tarefas domésticas e muitas das vezes ainda acompanhava na realização dos partos em toda cidade. Entretanto, Nilzete mesmo acompanhando a mãe adotiva nas solicitações referentes a realização de parto não desenvolveu habilidades para se tornar parteira, preferindo ficar em casa e no terreiro, ao contrário de acompanhar sua mãe nesta tarefa. Diz mãe Nilza:

4 A Usina fica no povoado de mesmo nome, localizada na Zona Rural do município de Mata de São João foi a única usina de cana de açúcar da cidade (1889), de onde saía parte da produção do açúcar do estado.

5 1º e único Barão Açú da Torre, título conferido por decreto imperial em 31 de agosto de 1889.

6 Açú em tupi significa grande - <https://www.geni.com/people/Luis-Antonio-Sim%C3%B5es-Meireles-1%C2%BA-bar%C3%A3o-de-A%C3%A7u-da-Torre/600000024961660286>, acessado em 2019.

“Não tive esse dom, sentia medo de fazer alguma coisa errada e acabar matando as crianças, Deus me livre!” (Mãe Nilza, 2019).

Como filha adotiva conquistou a confiança através do seu comportamento responsável passando a cuidar inteiramente não só da casa como também de todos os interesses de sua mãe adotiva que futuramente passaria a ser também sua mãe iniciática dentro da religião do candomblé.

2.1 JUSTAMENTE EM UMA MATA QUE A ANCESTRALIDADE ME FEZ NASCER

Segundo Ricardo Matense⁷ (2018), a primitiva Aldeia de São João situava-se na atual área de Plataforma, no interior da Baía de Pirajá, em Salvador. Após uma perseguição os índios a abandonaram e encontraram refúgio uns nas margens do Rio São Francisco e outros nas margens do Jacuípe. Era conhecida na época a Aldeia do Espírito Santo de Nova Abrantes (atual município de Camaçari), mas dali para cima poucos ousavam adentrar nas matas. Os índios, no entanto, conheciam no seio desta mata a localidade por eles chamada Jacupemba (uma espécie de ave encontrada em abundância na região). Ali, nas margens do Jacuípe (Rio dos Jacus) foi instalada a Nova Aldeia de São João, formada por índios tupinambás. A densa mata que envolvia a aldeia possibilitou que rapidamente a nascente povoação ganhasse a designação de Mata de São João.

Ainda, conforme Ricardo Matense, a Aldeia de São João foi levada mais para a orla marítima, mas ali em Jacupemba surgiu o povoamento do Senhor do Bonfim, onde se ergueu a grande igreja de pedra e cal (da qual até poucos anos restava a Torre) e onde foi construída, entre os anos de 1756 e 1761 a Igreja do Senhor do Bonfim (época em que teve início a tradicional Lavagem da Igreja do Bonfim de Mata). Durante o governo do oitavo Arcebispo da Bahia, D. José Botelho de Matos (no qual deu-se a expulsão dos jesuítas), foi a localidade do Senhor do Bonfim elevada à categoria de Freguesia. Em 04 de setembro de 1785, o ouvidor da Câmara baiana, Francisco Vicente Viana escreveu ao então Governador da Bahia, uma carta na qual solicitava a emancipação política, dizendo ser:

Para cortar pelas raízes os males que grassam naquelas povoações em que a justiça não é conhecida por falta de pessoas que administrem. Nesta freguesia está a povoação

⁷ Ricardo Matense – responsável pelo Projeto Rascunhos de Uma Linda História, que registra fatos da história de Mata de São João. É fundador e presidente do Instituto Carvalhos de Justiça e atualmente Vereador da cidade.

chamada Mata de São João, que contém em si mais de 300 fogos unidos (casas). Sou de parecer que haja Vossa Excelência de colocar na presença de Sua Majestade a grande necessidade que há de se estabelecer uma vila no mesmo pé em que se acham as mais desta comarca. Em uma palavra, Excelentíssimo Senhor, a Mata não se pode conservar sem o respeito da Justiça. (MATENSE, 2018, p.2)

A despeito das justas razões descritas por Francisco Viana em sua carta histórica, somente em 15 de abril de 1846, por meio da Lei Provincial 241, a Freguesia do Senhor do Bonfim foi elevada à categoria de Vila da Mata de São João. Em 29 de maio de 1884 foi consumada a mudança da Sede da vila, do Bonfim para o local atual. Para que isso ocorresse foi fundamental a interferência de Luiz Antônio Meirelles, o Barão de Açú da Torre.

No atual centro da cidade ficava ‘O Quadro’ (hoje as praças Amado Bahia e Barão de Açú da Torre). Ali foi construída a Intendência (como era chamada a Prefeitura, atualmente sede da Secretaria de Ação Social). Nas proximidades foram construídos o Mercado Municipal (hoje Casa da Cultura); a Igreja Matriz (1929) e o Prédio Escolar (1938), hoje o Colégio Estadual Getúlio Vargas, processos característicos das cidades erguidas sobre bases de edificações plantadas nas antigas ocupações coloniais e imperiais, quando do advento da república e dos seus desdobramentos modernizantes.

Foi nesta primeira década do século XIX que muita gente vinha para Mata de São João para descansar na cidade com fama de acolhedora, que foram fundadas as primeiras Igrejas protestantes (Assembleia de Deus, em 1945 e Primeira Igreja Batista, em 1948). A partir dos anos 50 o crescimento populacional foi muito veloz principalmente com a descoberta do petróleo e a criação do Núcleo Colonial JK e do Polo Petroquímico de Camaçari. Não foi possível precisar dados populacionais daquela época, no entanto é visível o crescimento populacional e o desenvolvimento da cidade que hoje tem uma população segundo IBGE em 2018 estimada em 46.014.

O professor Antônio Crespo (2018, p. 1) faz um relato da época:

Os veranistas vinham descansar nesse verdadeiro paraíso e gozar dos banhos do Caboré. A Avenida Almeida era a única rua calçada. A partir daí começava o Largo da Estação, onde de época em época apareciam os circos. O TREM DE FERRO – O Pirulito, o Mochila, o Rápido, o Trem de Alumínio, o Andorinha e o Mata Rocha, além dos trens de carga. Eis o único meio de transporte dessa época.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2009), Mata de São João foi criada em 1549, quando a comitiva de Tomé de Souza chegou ao Brasil, trazendo Garcia D’Ávila, futuro proprietário de muitas terras. Foi Garcia D’Ávila que em 1551

construiu a fortaleza estratégica da Casa da Torre, ou Castelo Garcia D'Ávila, no ponto mais alto do litoral baiano, enseada de Tatuapara, hoje conhecido como Praia do Forte, de grande importância estratégica para a colônia que vinha se formando a partir de Salvador.(IBGE, 2009).

Conta-se que Mata de São João durante muitos anos teve o nome de São João da Mata, sendo depois denominada de Mata de São João graças a João Lopo de Mesquita⁸, que devastou matas e abriu estradas entre 1649 e 1659. Os nortistas pregavam: vamos trabalhar nas matas de seu João? E então o nome Mata de São João foi registrado oficialmente em 1846, quando o povoado foi elevado à categoria de Vila. As terras que hoje lhe pertencem eram no séc. XVIII parte dos municípios de Água Fria e Espírito Santo de Nova Abrantes, originários de missões jesuítas; o último deu origem a Camaçari. A cidade é marcada por algumas curiosidades. Foi em Mata de São João por exemplo que foi plantado no séc. XVI um dos cinco primeiros pés de coco-da-baía do Brasil. Além disso, Mata já teve a “honra” de receber Dom Pedro II e a família real, que veio pela estrada férrea Leste brasileiro. E foi lá que aconteceu, em 1845, uma das primeiras manifestações do espiritismo no mundo, (IBGE, 2009).

Figura 1 - Caminho de carro de São Francisco do Conde para Mata de São João

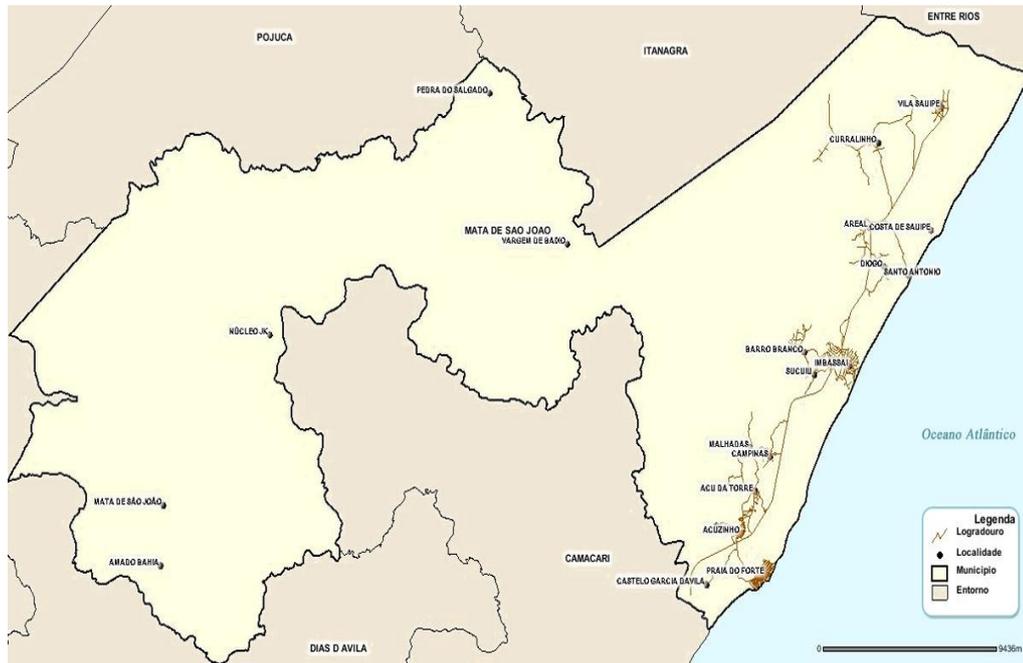


Fonte: Google Maps [www.https://goo.gl/maps/EozTBceKe7M2](https://goo.gl/maps/EozTBceKe7M2).

(Acessado em 15/06/2019 as 16:00 horas.)

⁸ Nos anos de 1649 e 1559 liderou as atividades de devastação da área de terra antes denominada São João da Mata, antes povoado e após a ação de João Lopo tornou-se Vila.

Figura 2 - Mapa Turístico Mata de São João



Fonte:

https://www.google.com/search?q=SEI+mapas+de+mata+de+S%C3%A3o+Jo%C3%A3o&client=ubuntu&channel=fs&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=QZpKG53PpaMy7M%253A%252CE8_4gy_xLOrpVM%252C_&vet=1&usg=AI4_kR5IcX3eE30pba1jIccrxDRXgPi2A&sa=X&ved=2ahUKEwiti7aQmoLjAhVzFLkGHZcmDyoQ9QEwBnoECAUQBA#imgrc=QZpKG53PpaMy7M

(Acessado em 15/06/2019 as 16:00 horas)

Figura 3 - Igreja Matriz de São João Batista - Mata de São João BA, 1968



Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/mata-de-sao-joao/historico>.

(Acessado em 15/06/2019 as 16:45 horas)

Os relatos colhidos com mãe Nilza, nos remonta a sua infância e cenários por onde circulou. Na Imagem acima, vemos em destaque a igreja Matriz de São João Batista⁹, nos anos 1968, que emerge nas memórias de infância de mãe Nilza. E mais, os relatos de mãe Nilza trazem átona as memórias de uma infância marcada pela experiência da adoção e iniciação. Memórias da cidade de nascimento, do bairro e da rua onde morava com seus pais, das dificuldades que enfrentavam, bem como das responsabilidades em ajudar nos serviços domésticos, como nos disse, em suspiro: *era uma vida difícil!!*

Sua infância foi marcada por diversos momentos que foram moldando sua personalidade forte e responsável. Momentos estes que estavam diretamente ligadas as diversas responsabilidades cotidianas a fim de contribuir com tudo que fosse possível para levar o alimento para casa, como interpelou mãe Nilza descrevendo com clareza que não havia tempo para brincar ou estudar:

9 Paróquia de São João batista, fundada em 1783.

Só Deus sabe menino o que já tive que fazer para conseguir me manter viva, interpelou Mãe Nilza”, descrevendo com clareza que não havia tempo para brincadeira ou para estudar. Exclamou! “não alisei o banco do governo más aprendi a me sustentar, tive que ajudar nas tarefas do lar e por vezes acompanhar seus pais na busca pelo ganha pão. (Mãe Nilza 2019)

E sobre esse processo, continua mãe Nilza: “muitas das vezes desenvolvi serviços braçais como: carregar água no lombo de animais para encher as barricas, estocar e covarar pastas, plantar capim, lavar e passar de ganho entre outras atividades” (Mãe Nilza, 2019)

Ao falar da casa em que vivia com seus pais biológicos, conta não era de construção, era um casebre humilde construída de Taipa¹⁰, a rua sem calçamento onde o esgoto corria a céu aberto, traduzindo assim o quão simples e precário era o local de nascimento da pequena Nilzete. Quando perguntei se não havia registro fotográficos dela quando criança ou da casa com os familiares dela nesta fase da sua vida, mãe Nilza retruca: “éramos tão pobres que mal tínhamos para comer imagine ter dinheiro para pagar para tirar fotografias, por isso não tenho fotos dessa época, infelizmente”. (MÃE NILZA, 2019)

As casas em estilo de vilarejo eram limitadas por cerca feitas de pau a pique, propiciando uma interação amistosa entre a vizinhança que se ajudavam mutuamente e interagiam dinamicamente nas mais diversas situações do dia a dia. Ao rememorar estes fatos mãe Nilza, falava com os olhos marejados sobre sua moradia, referindo que ficava próximo a um Terreiro de Candomblé pertencente a Dona Menininha, uma senhora, alta de pele escura, robusta de olhar firme e de poucas palavras, todos a respeitavam por ser parteira e enfermeira de profissão, além de ser a única líder espiritual da religião de matriz africana do sexo feminino na cidade e por trabalhar na usina de cana-de-açúcar tinha certo prestígio como dito acima. Porém, nada disso impediu que esta mulher prestigiosa sofresse com a perseguição da guarda municipal que não permitia o culto livre da religião naquela época¹¹.

Segundo o autor e antropólogo Vilson Caetano, (2018), a Delegacia de Jogos e Costumes era responsável pela fiscalização de tudo que atentava contra os “bons costumes”, sendo por isso os cultos de matrizes africanas alvos de controle e perseguição por parte da polícia. Os Pais e mães de santo eram obrigados a registrar o seu Candomblé no setor de censura da delegacia e retirar uma licença para a realização da festa até às 22 horas. Com o Decreto Lei

10 Madeira de pau a pique coberta com barro amassado.

11 Período referido é dos 1930, época em que os cultos das religiões de matriz africana eram proibidos e só em 1946 foi assegurado o direito livre de culto para a religião do candomblé, mantendo-se ainda necessidade de tirar uma licença na Delegacia de Jogos e Costumes.

25.095 de 15 de janeiro de 1976, Roberto Santos, então governador da Bahia, desobrigou os terreiros de Candomblé a fazer o registro e tirar licença para a realização das festas.

Seus pais de Mãe Nilzete faleceram de causas naturais, ela não soube precisar a data, e seus irmãos terminaram de serem criados por parentes próximos e com ajuda de alguns vizinhos que eram padrinhos dos menores, no entanto todos os irmãos de certa forma permaneceram próximos e com ligação. Antes do falecimento de seus pais biológicos eles haviam entregado a pequena Nilzete para servir de companhia a Dona Menininha.

2.2 A ADOÇÃO E A VIDA DENTRO DE UM TERREIRO DE CANDOMBLÉ

Para iniciar este parágrafo trago uma importante contribuição do autor Marcelo Moura Mello em sua dissertação de Mestrado em Antropologia Social, “Caminhos criativos da história: territórios da memória em uma comunidade negra rural”, a fim de fazer um comparativo com a questão muito comum no período da década 1930, e fases anteriores a esta, onde a prática de entrega dos filhos era comum, devido aos muitos problemas enfrentados pela classe mais pobre.

Segundo Mello (2008), as “crias” das fazendas, estâncias e casas de famílias brancas recebiam alimentação, vestimenta e moradia em troca de serviço. Entre cinco e sete anos eram entregues para essas famílias. Teoricamente, as crianças eram “filhos-de-criação”. As narrativas, contudo, salientam uma diferenciação. Crianças negras, por mais que fossem filhas, não frequentavam escola, não possuíam assistência médica e eram tratadas com rigor.

Nessa direção o autor afirma: “as condições precárias de existência obrigavam muitas famílias a entregarem seus filhos para criação. Essa era uma das (escassas) alternativas de sobrevivência, pois provia o sustento de ao menos uma criança” (MELLO, 2008, p.227).

Com esta constatação, entende-se os motivos que levarão os pais da menina Nilzete Francisca dos Santos a optarem por doar aos 9 (anos) anos de idade, “não precisamente”, sua terceira filha, que almejando melhor condição de vida foi viver com sua mãe adotiva “Mãe Menininha”, dentro de um templo da religião de Matriz Africana de origem Mbantu¹² próximo à casa dos seus pais o que favorecia a visita de familiares bem como a sua aproximação com seus irmãos, não perdendo assim o contato nem o vínculo familiar.

¹² Linhagem tradicional de povos originários do território de Angola cuja referência linguística era o KIBUNDU que fundamentou o culto aos Jinkisi no Brasil.

A decisão de entregar sua filha para viver com a sacerdotisa teve uma única motivação, o sentimento de sobrevivência e por conta das dificuldades financeiras em que seus pais passavam para ter que criar os cinco filhos. Silvina Maria de Almeida já havia sinalizado o seu interesse pela adoção da criança, devido à proximidade familiar e por perceber que deste modo poderia ajudar a proporcionar para aquela criança um pouco de conforto e alimentação digna.

Começa aí então, uma nova fase na vida da pequena criança, que com sua mãe adotiva passa a conviver com as rotinas da religião do candomblé e com as demandas espontâneas que apareciam uma vez que mãe Menininha era parteira e muito solicitada. Atividade essa que as vezes eram alternadas com a sua irmã Edelvira que também era sacerdotisa e auxiliava nas atribuições religiosas do terreiro.

2.2.1 Silvina Maria de Almeida – Mãe Menininha de Agué¹³

Figura 4 - Foto de Mãe Menininha de Agué



Fonte: Acervo de imagens do MUTALEMIM 2019.

13 Entidade do Candomblé de origem Djeji, responsável pela medicina e das ervas

Silvina Maria de Almeida – Mãe Menininha de Agué, personalidade do candomblé tradicional de Angola na cidade de Mata de São João, BA., fundadora do templo religioso “Deus e as Águas de São Benedito Katispero”, no Bairro do Diamante, na rua José Oliveira Costa, onde iniciou a jovem Nilzete Francisca aos 11 anos de idade, então, filha adotiva e companheira nas atribuições do terreiro, junto com outros membros e praticantes seguidores da religião. Mãe Menininha fora iniciada pelo renomado Tata Nlundiamungongo, dijina¹⁴ do senhor Manoel Ciriaco de Jesus, fundador do templo religioso de candomblé “Tumba Junsara”, em 1919, no bairro de Acupe, na rua Campo Grande, em Santo Amaro da Purificação.

Dona Silvina, nasceu em 1900 e faleceu de vítima de um câncer de esôfago em 1974. Era uma mulher bastante conhecida e atendia por diversos codinomes ou apelidos, dentre os quais, os que mais se destacavam eram: Menininha, Nininha, Meninhão e Nininha de Agué. Dentre as diversas atribuições da sacerdotisa a atividade que se destacava era de parteira, pois havia prazer neste ofício e não tinha hora do dia ou da noite para irem buscá-la em sua residência para colocar no mundo mais um filho pelas suas mãos. Conta mãe Nilza que, por muitas das vezes, quando os partos eram difíceis havia uma intervenção divina do orixá Agué que não tardava aparecer para contornar a situação e resolver o problema no parto, sem complicações para mãe e nem para criança. Agué além de auxiliar nos partos difíceis, muitas das vezes, batizava as crianças recém-nascidas e dava nomes também.

Ainda hoje há registros vivos de pessoas nasceram pelas mãos da divindade, como os filhos de sua filha de santo Mariinha, (D. Efigênia) cuja dijina é Madobi que nos relata:

Tive um parto difícil de uma barriga de dois (gêmeas), as meninas em minha barriga e eu sou soube que era duas por meu pai Agué me falou e me alertou que apenas uma vingaria, foi ele quem fez o parto e disse que se chamariam Ione e Ivonete, como Ivonete morreu a que nasceu 11 meses depois Agué batizou de Ionete juntando os dois primeiros nomes de Ione e Ivone. (D. Efigênia, 2019).

Alguns relatos da vizinhança e de alguns filhos de santo da casa descrevem com emoção as várias intervenções espirituais realizada pela entidade enquanto incorporado em Mãe Menininha, não precisamente, mas acredita-se que seu orixá auxiliou em mais de 300 (trezentos) partos difíceis, incluído gestação de riscos e quando não havia condição alguma de realização do parto. Ao chegar Agué mandava logo providenciar que a mulher grávida fosse

¹⁴ Nome religioso do sacerdote Manoel Ciriaco de Jesus, fundador do Terreiro Tumba Junsara de tradição Mbantu.

levado ao “doutor” na capital. Cheia de orgulho a única irmã iniciada ainda viva de mãe Nilza, Madobi fala que nunca nenhuma criança ou uma mãe morreu durante o parto em que Mãe Menininha ou seu pai Agué estava realizando.

Madobi ainda descreve um outro parto complicado que precisou da intervenção de Agué, foi das gêmeas Rosane e Rosemeire filhas de Dona Cacá (Clarice dos Santos), vendedora de acarajé e frequentadora do terreiro em 1965. Segundo D. Efigênia esse parto teve que ser realizado dentro das dependências do terreiro por ordem da entidade e contou com a ajuda da irmã de mãe Menininha, senhora Edelvira, (Mãe Dedé) ou Mutarêê como era chamada, também “era parteira de mão cheia” exclamou Madobi. Dona Sabina mãe de D. Clarice e filha de santo da casa também auxiliou no parto.

O negócio estava tão sério que até o caboclo de Sabina veio, seu Juremero chegou para ajudar Agué e se não fosse a ajuda deles sei não viu” (D. EFIGÊNIA,2019).

São por estas coisas que digo, com certeza, que eu tenho orgulho de ter sido escolhida para vim viver tudo isso de perto e ver com meus olhos, para poder contar (MÃE NILZA, 2019).

Também há um destaque para outras entidades que incorporava a sacerdotisa, não só Agué, existia um capitão¹⁵, que gostava de cantar serenatas.

Neste momento sua comadre Dona Efigênia (Madobi) que estava presente no momento da entrevista com mãe Nilza e juntas lembraram de versos que o capitão discorria em forma de serenatas:

Cantaram:

Sorrir meu doce amor, sorrir perola de flor, que do seu sorriso espira a lira que nem a quiqueta que de amor ingrato fala o teu olhar. Ouça a lira e do senhor irei roubar a essência do divino amor, depois que resolver, concedemos a vitória e a suprema glória do sorriso meu. (Senhor Capitão o Martim Pescador nas vozes das memórias de Mãe Nilza e Madobi, 2019)

E também há um destaque para um erê¹⁶ que atendia pelo nome de Dr. Pitanga isso porque o mesmo gostava de ensinar beberagens, chá milagrosos, banhos e diversos remédios à base de elementos da natureza com finalidade curativa. O erê é um espírito jovial que tem

15 Espírito de um marinheiro que incorporava a sacerdotisa, também atendia pelo nome de Martim.

16 Espírito de crianças que sempre aparecem nos finais dos rituais com finalidade de harmonização do ambiente. (Poder explora mais o lugar o papel e importância dos eres na liturgia, em como na vida dos filhos de santo).

finalidade exclusiva dentro do culto ancestral, eles são a alegria e o equilíbrio dos membros do terreiro.

D. Silvina teve apenas uma filha biológica a que atendia pelo nome de gringa (Almerinda Almeida), não era adepta da religião, contudo, muitas das vezes, acompanhava sua genitora a serviço do parto, auxiliando-a e aperfeiçoando-se no ofício de parteira. Mãe Menininha fez poucas iniciações durante sua trajetória religiosa cerca de 22 iniciados e 8 não iniciados frequentadores assíduos do terreiro e apenas uma de suas filhas iniciáticas se tornou liderança e pode assumir a casa, após a sua morte. A sucessão do seu trono foi marcada por disputa e por rivalidades entre os que não aceitavam a decisão do Nkisi que, enquanto incorporado já sinalizava aos demais que sua escolha de sucessão estava decidida desde o dia em que Nilzete veio compor o quadro familiar daquela associação religiosa.

Com a morte de Mãe Menininha, D. Nilza já com 22 anos de iniciada e apenas com o ensino fundamental (3ª série), assume a direção do terreiro, após o ritual fúnebre, o tradicional ritual Mbantu de mukondo,¹⁷ que foi dirigido pelo babalorixá Valdemar Ferreira da Silva (Pai Vavá). Nilzete não ostentava o posto de mãe e nem o cargo de sucessora da casa, mas, por decisão e orientação espiritual ela recebe a missão de dirigir e suceder o trono da casa e assim assumir a responsabilidade de dirigir o templo religioso.

Por decisão de mãe Nilza e como manda o costume ancestral, o terreiro de Agué ficou fechado por 1(um) ano em respeito ao luto pela morte da sacerdotisa e só após este período que deu continuidade com o ritual de maku a mvumbi¹⁸ e assim recebeu seu cargo assumindo a direção do terreiro em meio a muitos conflitos internos, disputas e rejeição por parte de alguns membros da casa.

No capítulo seguinte abordarei os aspectos históricos da iniciação de Nilzete Francisca e sua trajetória iniciática, aceitação, dom e diversos outros elementos que contribuíram para sua formação sacerdotal.

17 Ritual fúnebre da nação Angola

18 Ritual de retirada a mão de morto segundo a tradição Mbantu.

3 INICIAÇÃO: O RENASCIMENTO E ASPECTOS HISTÓRICOS QUE ATRAVESSAM A TRAJETÓRIA INICIÁTICA

Figuras 5 e 6 - Nilzete Francisca dos Santos (Mãe Nilza – Tawamim). A primeira da iniciação em 1944 e a segunda em sua vestimenta a caráter, dirigindo para Cerimônia de premiação na Câmara de Vereadores em Mata de São João BA. Recebimento da Comenda Garcia D'Ávila em 2017



Fonte: Acervo de Imagens do Mutalemim, 2019.

Sua iniciação aconteceu no dia 09 de agosto de 1944 aos 10 anos de idade, no Terreiro de Deus e das Águas de São Benedito Katispero, na rua José Oliveira Costa, no bairro do Diamante em Mata de São João, BA., templo da religião do candomblé de matriz Mbantu, dirigido pela sacerdotisa, Maria Silvina de Almeida, mais conhecida como Mãe Menininha de Agué. Iniciada para divindade do panteão bantu Ngongo Mbila¹⁹, passa a atender pelo nome iniciático de Tawamim sua Dijina.

Conta Mãe Nilza que pouca coisa se lembra sobre o período de iniciação, até porque durante quatro meses esteve reclusa em um quarto denominado ronkó²⁰ em estado de transe sob os cuidados de sua mãe criadeira, Dona Dedé, que era irmã carnal de mãe Menininha e também

¹⁹ Gongobila / Ngongombila, divindade do panteão Mbantu que representa é o Nkisi da riqueza e da fartura, protetor dos pescadores.

²⁰ O quarto de reclusão dos neófitos em processo de iniciação, na tradição bantu. O ronkó funciona ou nos retorna a imagem e tem função de um útero, pois ali as pessoas gestadas para nascer no Nkisi.

uma espécie de segunda mãe da casa a quem todos se reportavam. No período de reclusão não teve contato com nada do mundo externo e só após o período de reclusão foi apresentada aos membros da sociedade religiosa agora já iniciada e com uma nova forma de viver, uma vez que aos noviços era vetado o direito de ostentar certos privilégios das mordomias da casa, a exemplo de: dormi em cama, ir a festas, praias, comer ou beber em pratos de louça entre outras situações tidas como normais. Tudo lhe parecia novo, esta nova experiência te possibilitou um novo olhar e um novo modo de viver, até porque desde as vestes e a forma de se dirigir aos mais velhos era rodeado de elementos que para o costume tradicional era visto como afronto ou desrespeito.

Após passar três meses de sua iniciação, Mãe Nilza recebeu o direito de realizar algumas tarefas da casa e então pode reaprender como realizar muitas das tarefas do lar, agora com mais rigor, pois tudo lhes era obrigado a fazer como forma de pagamento pelo gasto que fora despendido em sua iniciação, “de certa forma uma troca”. Mais a pequena iniciada era otimista e muito prendada em tudo que se empreendia fazer. Logo cedo aprendeu a bordar e costurar, aprendeu a cozinhar, passou a lavar e gomar roupa para ganhar seu sustento e assim poder cumprir com as exigências da religião. Dedicou-se a religião e como primeira filha iniciada naquele terreiro fazia valer o esforço empregados por todos durante sua iniciação.

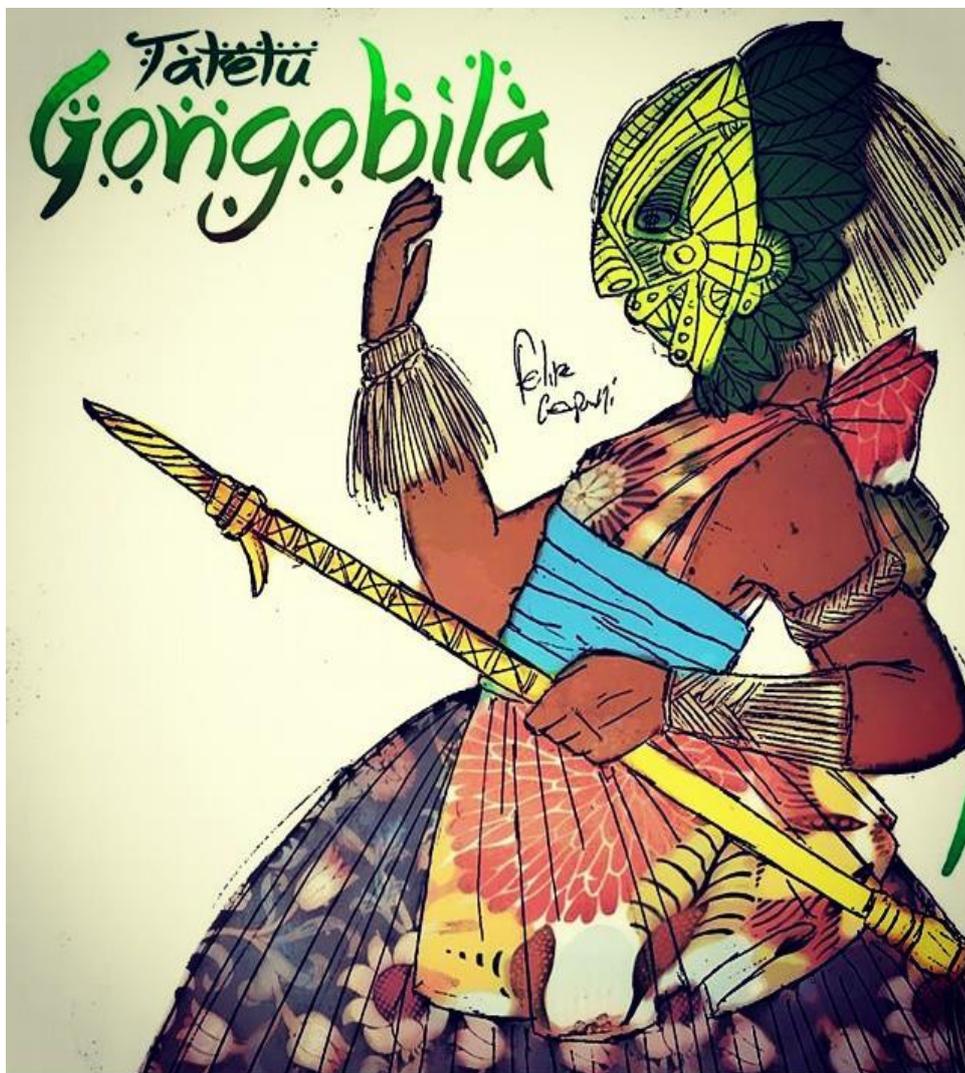
Já com idade de 18 anos e com 7 anos de iniciada toma a frente das festividades no processo de organização, demonstrando assim seu dom para liderança, reunia as irmãs da casa e envolvia toda comunidade do entorno do terreiro, realizava bingos e vendas de quitutes da culinária afro-brasileira, como: acarajé, abará, canjicas, bolos na folha de bananeira, pamonhas, cocadas etc. Tudo com a finalidade de juntar fundos para a manutenção do terreiro e para as festividades. Sua mãe adotiva e mãe de santo confiava plenamente nela e deixava tudo a seu gosto, até porque Tawamim se mostrou competente e a altura de liderar o templo que a iniciou. E assim foi durante muito tempo, Nilzete auxiliou nas obrigações de outros noviços, e cumpriu suas obrigações ritualísticas onde reverenciava a divindade que fora iniciada e rendia-lhes oferendas em meio as festividades anuais da casa.

Como era muito esforçada e ganhava algum trocado com os serviços que fazia fora do terreiro, Mãe Nilza podia ajudar seus irmãos consanguíneos e seus pais, conseqüentemente. Ela também pôde ajudar aos mais carentes que batiam em sua porta em busca de ajuda seja no campo espiritual como no material. Enfim, sempre estava disposta a ajudar aqueles e aquelas que lhe buscava.

“Era uma irmã querida, e já moça e muito bonita arrancava suspiros dos rapazes”, diz sua irmã de santo, Mariinha, com sorriso no rosto. Durante toda sua infância e adolescência conviveu no terreiro entre os afazeres religiosos e a vida social, dedicava-se muito mais a religião que a própria vida. Não tinha tempo para vaidade, afirma Marinha. Após os preceitos da obrigação de 7 (sete) anos de iniciada, Mãe Nilza passa a ter mais prestígio e mais ainda função sobre as orientações de sua mãe de santo. Nada fazia sem o consentimento dela!

3.1 NKISI/ORIXÁ – ASPECTOS IDENTITÁRIOS DA DIVINDADE REGENTE

Figura 7 - Gravura representativa da divindade Ngongo Mbila segundo a mitologia Mbantu, pintada por Felipe Caprini



Fonte: Acervo de imagens de domínio público da internet disponível em:

<https://www.imgrumweb.com/post/4Ic78rqNLq> (Acesso em 26/06/2019 as 19:44hs).

Nkisi, plural Bankisi é uma força da natureza como o vento, a chuva, o raio, as águas doces, as águas salgadas etc. O Nkisi também pode ser considerado a própria magia que se concentra nos elementos da natureza. No Nkisi se concentra o ato transformador das coisas e dos seres. Segundo Tata Nguz'tala (2009), em sua publicação no Jornal Tribuna Afro-brasileira Mutakalambô, Kabila e Ngongombila são nomes que revelam a natureza do caçador e a face divina de Deus como provedor. Essa Divindade é responsável pela manutenção da comunidade e ainda tem a função de manter a vigilância noturna nas aldeias garantindo-lhes a segurança. Está ligado a abundância de alimentos na Nzó (casa) de culto, proporcionando a fartura, a alimentação, a bem-aventurança financeira dos filhos de santo e da clientela. Seus filhos costumam ser lépidos, faceiros, altivos e possuem habilidades manuais e rapidez de movimentos. São também aventureiros e confiantes. Ngongombila é também um exíguo pescador e tem a natureza jovial e bela. Saudação reservada a esta entidade é: Pempelê Tat'etu Mutakalambô, Kiuá! Kabila Duilo! (NGUNZ'TALA, 2009).

Conforme Tata Nguz'tala (2009), seus símbolos são vários e todos ligados à caça ou à defesa, sendo o mais conhecido o arco e fecha, bem como o embornal e a capanga. No Brasil se convencionou o dia de quinta-feira em sua homenagem e suas cores variam do azul-celeste ou turquesa ao verde. A comida ritual mais comum a ele oferecida no Brasil é o milho amarelo cozido e o coco. Também pode lhe oferecer grãos torrados e frutas em abundância. “Salve o caçador dos céus! Expressão realizada por Tata Nguz'tala em seu artigo”

Segundo BOTÃO (2007), Nkongo Mbila, é o príncipe protetor dos pescadores e caçadores. Em muitos terreiros, inclusive da nação Angola-Congo, os adeptos tendem a associá-lo a Oxóssi.

Para Mãe Nilza, “o menino caçador” ou simplesmente o “atirador”, como ela chama seu Nkisi carinhosamente, é na verdade o simbolismo de tudo que é próspero, farto, abundante, é a expressão máxima da alegria e a garantia da boa mesa. Ressalta mãe Nilza, colocando a mão no chão e levando a cabeça em reverência: “Nunca houve um só dia nestes tantos anos de vida em que eu colocasse uma panela vazia no fogo, para Ngongombila não a encher. E isso me dá orgulho, pois eu fiz santo não para ser rica, más, para ter caminhos abertos”, Trecho extraído da entrevista cedida a mim enquanto pesquisador em 05 agosto de 2018 no terreiro Mutalemim ocasião de festividades do templo.

3.2 RESPONSABILIDADE SACERDOTAL

Com a maturidade religiosa as responsabilidades triplicavam, pois além das atividades da casa e os afazeres religiosos ainda havia tempo para garantir o sustento com a venda dos quitutes, doces, bolos em seu tabuleiro de acarajé; assim com os momentos dedicados a bordar e costurar.

Figura 8 - Registro de Mãe Nilza em atividade religiosa processo interno de obrigação de uma filha de santo no ano de 1970



Fonte: Acervo de imagens Mutalemim, 2019.

Figura 9 - Registro da incorporação do caboclo Lage Grande em Mãe Nilza, fazendo reverência ao assentamento no centro do terreiro (Intoto), no ano de 1972



Fonte: Acervo de imagens Mutalemim, 2019.

Nesta fase de sua vida, começou a enamorar-se por um homem que logo depois veio a se tornar seu esposo, de prenome Antônio, o primeiro casamento não lhe trouxe muita felicidade, além dos problemas de brigas pessoais e divergências por conta da religião, seu primeiro companheiro faleceu 1 ano depois de casado de causas desconhecidas sem mesmo poder ter realizado o sonho de ter filho. Algum tempo se passou, e ainda no período de luto conheceu seu segundo esposo que se tornou pai de seus filhos.

Figura 10 - Registro fotográfico de Pai Mário e do Senhor Genésio dos Santos indo para o trabalho, em 1975



Fonte: Acervo particular do Mutalemim, 2019.

Mario dos Santos, também era da religião do candomblé e passou a frequentar o mesmo Terreiro em que mãe Nilza era iniciada, na época Mario havia ido procurar Mãe Menininha para realizar suas obrigações e assim dar continuidade com seus preceitos religiosos. Infelizmente ou felizmente o destino deu outro sentindo à presença de Mario no terreiro, visto que os dois se apaixonaram e isso impossibilitou a Mãe Menininha realizar o ritual de Maku a Mvumbi²¹, Mario passa a auxiliar nas atividades do terreiro e assume a relação amorosa com Nilzete e assim seguiram ambos com o propósito de constituir família.

Com a benção de sua mãe os dois se uniram em matrimônio (desta vez apenas “união de corpos”), e em alguns meses depois Nilzete encontrava-se grávida de seu primeiro filho, que não sobreviveu, nasceu natimorto devido a problemas no parto. Segundo mãe Nilza sua sacerdotisa que também era parteira tentou realizar o parto, mas a criança nasceu com o cordão umbilical enlaçado no pescoço e com a força das contrações a fim de expulsar o feto acabou enforcando a criança nascendo sem vida. Durante a sua segunda gestação contraiu rubéola e a gravidez não chegou nem a completar 3 meses, a terceira gestação também não vingou, não

²¹ Ritual onde se retira a mão de morto.

completou nem 2 meses de vida o feto, mãe Nilza sofreu aborto espontânea. Em total fragilidade e desespero devido as perdas gestacionais ela apela para o plano espiritual achando que seu Nkisi estava a lhe castigar por algo que havia feito de errado.

Sua mãe de santo não demonstrava interesse em ajudá-la e parecia não se compadecer de seu sofrimento por algum motivo que ela desconhecia. A quarta e quinta gestação também foram interrompidas e segundo relato de mãe Nilza o médico da cidade disse que o motivo dos abortos espontâneos era causado por ela apresentar uma condição biológica uterina que inviabilizava a gestação.

Passou o tempo e então o sonho de ser mãe foi deixado para segundo plano e continuou a cuidar de suas responsabilidades no terreiro, como filha mais velha havia muito a se fazer para manter tudo funcionando bem. Ao completar 14 (quatorze) anos de iniciada descobre que estaria grávida de seu 6º (sexto) filho e desta vez apelou para o Nkisi Ndandalunda de sua mãe criadeira, a quem pediu para não deixar seu filho morrer, então a divindade lhes recomendou que fizesse alguns rituais para que garantiria o sucesso da gestação, deixando subentendido que aquele feto ainda não pertencia a ela, pois as 6 (seis) primeiras gestações eram (afu ku iza)²²; mesmo assim, ela quis prosseguir com a gestação e estava disposta a fazer tudo que tivesse ao seu alcance e quando o erê de sua mãe disse que ela esperava uma criança do sexo feminino e que deveria se chamar Jurema em homenagem ao caboclo Juremeiro que seria o padrinho da criança. Assim a gestação seguiu no seu curso normal em meio a períodos de dor e internamentos constantes.

Então nasceu, para alegria da casa, Jurema, uma menina linda e saudável, e assim cresceu aquela que seria a primogênita do casal. Passaram-se 4 (quatro) anos e então descobre estar grávida do seu 7º (sétimo) filho que veio ao mundo sem problemas nenhum. Porém, algo a inquietava, agora as tarefas haviam dobrado, pois tinham as crianças além de toda rotina religiosa e de repente Jurema aparece com um problema bucal e sentia fortes dores na boca e nos dentes, indo constantemente ao dentista da cidade e usavam beberagens com finalidade de amenizar as dores. Um certo dia foi levada ao consultório para extrair um dente e dessa extração sucumbiu (faleceu) com quadro de hemorragia severa, aos 9 (nove) anos de idade, após a morte os médicos constataram que a menina era portadora de leucemia. Mãe Nilza com a dores da

22 Nascido para retornar – Aqueles que nascem para morrer como na tradição Yorubá os ABIKUS.

perda da filha mais velha seguiu sua vida na sua rotina agora com apenas um menino já com seus 2(dois) anos de idade batizado, com o nome de Julimário.

Diante de tantas perdas, sua mãe criadeira também veio a óbito acometida por um câncer de útero, não diagnosticado e nem tratado. E como se não bastasse o destino ainda provaria sua fé e força, pois prestes a completar 21 anos de iniciada sua mãe adotiva e mãe de santo faleceu de causas naturais, novembro de 1974. Entretanto, os impactos e as marcas geradas por estas perdas não desmotivou a rumbona²³ do terreiro, teve que provar sua fé, sua resistência e mais ainda teve que seguir com suas responsabilidades em sinônimo de força. Com tudo isso, Mãe Nilza se manteve se mantinha resiliente diante de cada tropeço e perda. Está aí mas um exemplo que nos ajuda a compreender como se constitui a força da mulher negra e a resistência daquelas que nasceram para se fazerem fortes mediante suas fragilidades, começando uma nova etapa da vida desta mulher a quem todos chamam de TAWAMIM.

3.3 MUDANÇAS E PARADIGMAS

O processo de mudança se deu a partir das inúmeras situações em que essa mulher negra foi sendo colocada a prova, diante das incontáveis vezes em que foi colocada a experimentar situações de perdas e sofrimentos, as dificuldades sempre foram uma constante em sua vida mais que se amenizaram com a mudança de lar e conseqüentemente com a iniciação e a vida no terreiro. Mudar era inevitável não estamos aqui pontuando as mudanças das características biofísica comum ao processo de crescimento. Estamos destacando aqui um processo de mudança de dentro para fora, tudo que ao logo de sua trajetória foi interiorizado e gradativamente foi se externando, moldando sua personalidade, que a cada dia se tornava mais forte e estas novas características iam lapidando-a numa gradativa metamorfose, tornando um hábito a capacidade de se reinventar e se refazer após cada golpe do destino.

Com a morte de sua mãe sacerdotal e com a eminência da possibilidade de assumir a direção do terreiro, passou a ter problemas com o pequeno Julimário e passando por problemas conjugais, onde seu marido não mais era presente como antes devido as farras, noitadas e bebedeiras, além das diversas situações do dia a dia do terreiro que eram desgastantes. Mais o seu Nkisi era determinado, dava-lhes o direcionamento necessário para driblar todos os

23 Primeiro(a) filho(a) a ser iniciada dentro de um terreiro de candomblé.

problemas e com as orientações espirituais que recebera pode encontrar o equilíbrio para lidar com as divergências de opiniões e interferências dos que não aceitavam que ela como filha adotiva assumisse a direção do templo.

Os paradigmas do tradicionalismo religioso daqueles que conservavam e que ditavam o modelo de composição frente as circunstâncias destoavam do que em vida o Nkisi de sua mãe de criação determinou. Eram percebidos o mal-estar generalizado e um certo interesse de alguns membros da casa em direcionar a liderança do terreiro para seu esposo, pois ele era também um sacerdote e tinha um carisma para com alguns filhos e filhas, além das manipulações que fazia em interesse próprio a fim de colocar todos a seu favor com o objetivo de direcionar para o conselho sacerdotal por unanimidade o escolhesse para ser o novo líder espiritual do Terreiro de Katispero independente da vontade do Nkisi.

A disputa pelo trono foi de certa forma um motivo a mais para colocar em xeque a relação afetiva de Nilzete e Mario; porém, ela se mostrava convicta e serena e não deixava perceber sua aflição diante de tantos acontecimentos.

Se todo sofrimento do mundo for necessário para me tornar uma pessoa melhor eu passarei por cada problema que o destino quiser de cabeça erguida, só não perderei a minha fé no meu orixá.

(...)

Como diz meu Pai Lage Grande, meu índio, meu guerreiro e meu guia – Tudo que Deus faz é bom, (MÃE NILZA, 2019).

Neste momento entoou um cântico de caboclo:

Figura 11 - Babalorixá Valdemar Ferreira da Silva, com o Nkisi Ngongo Mbila.
erimônia pública da obrigação de Mãe Nilza no ano de 1980



“Ah! Pai meu, eu tenho orgulho de ser um filho seu,
eu tenho orgulho de ser um filho seu,
eu tenho orgulho de ser um filho seu...” (bis)

Fonte: Acervo de imagens do Mulatemim, 2019.

Então foi escolhido o sacerdote que iria presidir o ritual de Mukondo de Mãe Nininha e posteriormente revelaria a quem pertenceria ao trono. O senhor Valdemar Ferreira da Silva²⁴, dá início ao processo ritualístico que durou sete dias e no final do ritual atendendo a orientação do jogo de buzú determina que a casa fique de luto por 1 ano e só depois disso seria apresentado o nome da nova liderança. Com isso, as atividades do terreiro foram interrompidas e todos tiveram que seguir com suas angústias e ansiedades. Contudo, Nilza conservava a serenidade da certeza que o Nkisi faria o que fosse melhor para todos. E com esta paciência esperou passar o tempo determinado e seguiu com sua vida rotineira, não externava com os seus o desejo de ser a nova líder da casa, pois ela nunca imaginou perder sua mãe e ter que assumir a casa, esta nunca foi a sua meta.

Enquanto isso, Mario seu marido continuava com as articulações e especulações na certeza que seria o escolhido e já realizava pequenas atividades internas e como já vinha de outra casa com certa experiência, tomou a frente de muitas obrigações internas de clientes e pessoas que procuravam as orientações espirituais dele, até porque D. Nilza respeitava o luto e não fazia nenhuma atividade ritualística, a não ser o que era permitido ser realizado.

Durante esse período de espera Nilza engravidou mais duas vezes e todas as duas gestações não vingaram, talvez devido ao estresse e outros fatores biológicos ainda

²⁴ Babalorixá e principal amigo da falecida Mameto, atendia pelo apelido de Vavá Bom no Pó em alusão a fama de matar com uso de pós mágicos (pembas).

desconhecidos. Poucas irmãs de santo se mantiveram próximo a ela e a apoiavam e o fato de carregar consigo calada todos estes fatos e circunstâncias, onde por muitas vezes teve que engolir o choro para não demonstrar fraqueza e com isso manter a aparência de mulher forte que não se abatia com facilidade.

Nesta época nos anos de 1970, já acumulava consigo muita experiência e saberes notáveis que foram adquiridos com sua mãe de santo e por intervenção do seu Nkisi, tornando-a a mais capacitada entre as irmãs para assumir a direção da casa. Por outro lado, diante de tanto sofrimento ela pensava em apenas viver e se dedicar a criação do seu filho, renunciando a tudo que até então era fundamental a sua existência, paradoxalmente era movida por uma sensação que a instigava a seguir determinada com a certeza de que ela seria a escolhida e isso causava-lhes um certo temor, uma aflição não fazia sentido no primeiro instante.

Transversalmente um misto de sensações e sentimentos se misturavam dentro de si, e ela que era a menina adotada para servir de companhia de uma senhora que de certa forma tinha influência na sociedade por ser enfermeira, parteira e mãe de santo de prestígio, logo se torna a primeira filha iniciada no seu terreiro e anos depois se casa e permanece cuidando da casa, do terreiro e dos interesses da mãe de criação. Esta menina se torna mulher frente a uma gama de impossibilidades que inicialmente por ser muito doente não havia perspectiva de sobreviver, isso sem contar nas diversas vezes em que teve que se hospitalizar por conta das gestações de risco.

Mulher, negra, pobre, de origem rural contrariando as estatísticas da época é adotada e inserida dentro da religião do candomblé e passa a ganhar o próprio sustento, constitui família e se mantém viva. Dentro da própria instituição religiosa enfrenta diversos problemas de rejeição e por apresentar um comportamento duro para lidar com questões onde a sensibilidade teria que ser o mediador acabou por fazer muitos desafetos. Viúva ainda jovem do primeiro casamento e com uma segunda união inicialmente conturbada por diversas traições esta mulher percebe que a única alternativa que lhe resta é ser forte, apenas ser forte e lutar para manter-se de pé era questão de sobrevivência uma vez que chegou até onde estava não poderia ceder aos caprichos e querências daqueles que não calçaram seus chinelos e trilharam seus caminhos.

Nesta direção observa-se que muitos aspectos se assemelham entre diversas outras mulheres que tinham em comum a vulnerabilidade social e os mecanismos de sobrevivência. Segundo Souza S. C. (2018), em seu artigo destaca o fazer cotidiano as mulheres negras e pobres da periferia de Salvador – Bahia (Brasil), constituem suas estratégias de luta pelo direito

à moradia e a cidade e se configuram enquanto lideranças, dando a entender o quão fortes precisavam ser estas protagonistas de suas próprias histórias. Não diferente dessa perspectiva a autora destaca ainda como uma característica ímpar entre estas mulheres que acabam se tornando líderes sem mesmo perceber o poder empregado em sua liderança: “neste sentido o líder é um renunciante, que experimenta a passagem de uma situação a outra de modo dramático, ao caminhar de maneira diferenciada de seu grupo de origem e se desenraizar das ilusões da sociedade individualista”. (SOUZA, 2018, p. 16).

Chegado o momento de realizar os rituais para reabertura do terreiro, toda comunidade se reúne para dar continuidade aos fazeres ritualísticos e mais uma vez é solicitado a presença do sacerdote Valdemar para presidir os rituais. Tudo corria bem e a família tradicional estava aparentemente integrada pois a harmonia era imperiosa até porque todos já tinha a certeza que Mario assumiria a direção da casa. Fato este que se ventilava possível porque o mesmo antes dos ritos fúnebres de 1(um) ano conseguiu autorização para receber seu sacramento de Maku ua Mvumbi e sucessivamente Kituminu ua Kijigú²⁵, antes dos demais filhos da casa tornando o primeiro a receber o sacramento pós-morte da sacerdotisa.

Na semana seguinte, dando seguimento aos rituais para publicamente anunciar a vontade da divindade, o senhor Valdemar reúne todos os membros da casa e realiza a consulta para saber do Nkisi qual era a sua vontade. No primeiro momento da consulta um silêncio e entre murmúrios incompreensíveis o sacerdote indaga ao jogo: Qual a vontade do senhor dono deste terreiro? Quem deve suceder o trona de Mãe Menininha? E ao lançar os buzos ao solo faz uma expressão de surpresa e retruca Oxalá confirma essa decisão? Desta vez lançando o obi²⁶ partido em quatro partes ao solo. Alafiá!! Gritou em voz alta pedindo para que todos respeitassem a decisão de Oxalá sem questionamentos. E por uma terceira vez toma mão de um Orogbô²⁷ partido ao meio lançando ao chão e em seguida jogando água e proferindo a seguinte frase:

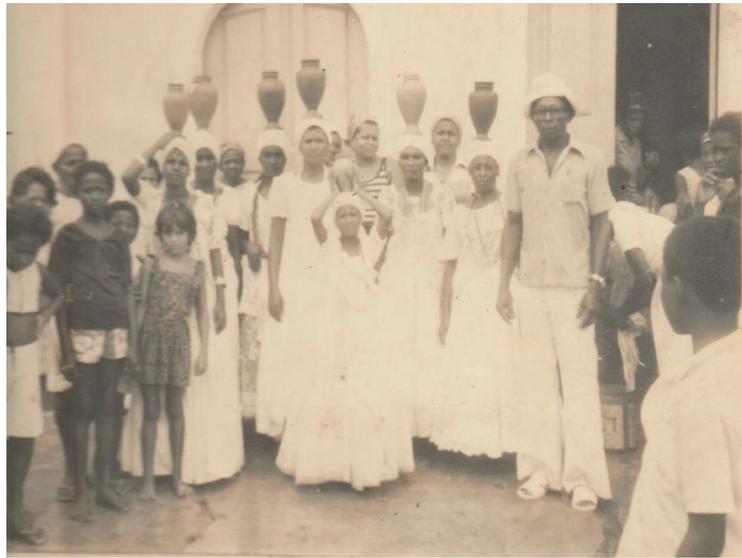
Meu nome é Valdemar Ferreira da Silva, filho do orixá Oyá Gembé e digo a todos os presentes que devem respeitar a vontade de Agué dono e senhor desta casa, que permanece entre nós sem questionamentos, pois ele é soberano aqui neste terreiro e sua vontade é que a partir de hoje seu trono seja assumido pela filha que atende pela Dijina de Tawamim, a rumbona deste lugar e a ela todos devem obediência. Palavras ditas pelo babalorixá Valdemar (PAI VAVÁ BOM NO PÓ, 1975) segundo Mãe Nilza. (NILZETE FRANCISCA 2019).

25 Rítual que outorga o direito de ser Pai ou Mãe de Santo na tradição Mbanu – entres os Yorubás chama-se Oyê ou Deká.

26 Noz de cola – Fruto ritualístico utilizado para adivinhação.

27 Fruto de origem africana também utilizado no processo de adivinhação.

Figura 12 - Pai Mario, Mãe Nilza e filhos do terreiro na lavagem do Bonfim em Mata de São João no ano de 1979



Fonte: Acervo do Mutalemim, 2019.

Todos os Jinkisis e Orixás incorporam se fazendo presentes em sinal de respeito e concordância com a decisão do patrono da casa que neste momento passa sua sucessão ao Nkisi Ngongombila e por sua vez a sua filha Nilzete Francisca dos Santos, que passa a ser de fato a Mãe Nilza ou Mameto Tawamim. Os tambores ecoaram e as divindades dançaram celebrando e dando as boas-vindas a nova sacerdotisa do terreiro. Finda-se um legado e inicia-se outro, neste momento passa a reinar soberana a menina Nilzete, que se tornou mulher, mãe, esposa e a mais nova matriarca por direito daquela sociedade religiosa.

Começa aí uma nova fase para todos da casa e principalmente para mãe Nilza que passa a dirigir oficialmente o Terreiro, dar continuidade as obrigações de suas irmãs e iniciar novos filhos. Ao rememorar estas passagens a sacerdotisa, Mameto Tawamim, não esconde a emoção e as lágrimas caem revelando o quão sensível era aquela mulher que foi lapidada com o sofrimento e acrescenta: *Eu não queria de verdade ser mãe de santo, mais Agué me fez mãe e eu vou honrar este compromisso enquanto viva eu for.* (MÃE NILZA, 2019).

Percebe-se com essa narrativa o quão importante é se manter confiante e determinada e como é característico da mulher negra este comportamento altruísta, altivo e determinado, a resiliência também é um atenuante do comportamento desse povo de santo que mesmo diante das mazelas consegue se reerguer tornando-se referência para tantos outros que de alguma forma também vão mudando suas plumagens como a águia para laçar voos mais altos.

Os paradigmas, as dificuldades, adversidades e toda sorte de malefícios que tendem, ao logo da trajetória de vida do ser humano, oprimir e calar aqueles que nascem predestinados a vencer são apenas alavancas impulsionadoras que sempre vão impulsionar para frente. Conforme nos ensina um ditado popular muito comum entre os mais antigos praticantes da religião que com sua experiência de vida exprimem a mais certa comparação: “A cana para dar o bom caldo precisa antes passar pelo arrocho da moenda”. Ouvi este dito por muitas vezes neste meu pouco tempo de vivência lá no terreiro de minha vó de santo, Nilza, e certamente pela sua complexidade singular é fácil de entender mais difícil de interpretar.

Figura 13 - Mãe Nilza no quarto do Nkisi após ritual de Sukuranise²⁸, no ano de 1979



Fonte: Acervo do Mutalemim, 2019.

28 Ritual de limpeza do espaço físico, lavagem dos assentamentos em Yorubá Osé.

Figura 14 - Mãe Nilza em atividade religiosa distribuindo pipoca “Flor do Velho Omolu” numa segunda feira após saída de um barco de neófitos no ano de 1990.



Fonte: Acervo de Imagens do Mutalemim, 2019

Figura 15 - Caboclo Lage Grande abençoando seus filhos, ano de 1980



Fonte: Acervo de imagens do Mutalemim, 2019.

Segundo Mãe Nilza era um hábito realizar uma reunião com os filhos e amigos mais próximos para chamar os espíritos dos caboclos mensalmente assim poderiam ter as orientações necessárias para seguirem com a doutrinação dentro do terreiro, pois eles são na verdade os mensageiros.

Neste momento da pesquisa mãe Nilza faz diversas reverências aos caboclos e começa a cantar músicas que segundo ela é uma forma de aproximá-la de seus guias:

Louvação do caboclo Lage Grande:

Seu Lage Grande sou eu sou eu,
 Cheguei agora neste salão,
 Agradecendo a meu povo todo,
 Muito obrigado meu bom irmão... (bis)

E os filhos da casa em coral com alegria cantavam

sempre para chamaro Pai Lage Grande:

Seu Lage Grande ele é Tata Serekongo estamos te rogando pelo amor de Deus,
 Seu Lage Grande abençoi seus filhos, daí prosperidade pelo amor de Deus.

E Não há.

Não há quem saiba avaloar,
 o amor de um pai, o amor de uma mãe,
 só eu quem sei avaloar
 o amor do pai e o amor da minha mãe. (bis)

Figura 16 - Registro fotográfico do caboclo Lage Grande em dia de festa no terreiro no ano de 1980



Fonte: Acervo fotográfico Mutalemim, 2019.

“Salve os caboclos brasileiros”

(MÃE NILZA, 2019)

As imagens acima apontam a trajetória sacerdotal de Mãe Nilza dentro do Terreiro de Deus e as Águas de São Benedito Katispero, local de sua iniciação e que posteriormente passou a ser chamado de Terreiro de Mutalemim. Mãe Nilza dirige até hoje o espaço sagrado herdado de sua mãe e mantém viva a tradição dos costumes e tradições do candomblé de Angola em Mata de São João, o que torna este local o mais antigo templo religioso da raiz bantu dentro do município.

A seguir tratarei dos aspectos genealógicos sacerdotal, onde após processo de iniciação e aceitação discorrerei sobre uma nova fase da vida de Mãe Nilza, o capítulo seguinte trata exclusivamente da nova identidade de Nilzete Francisca que passa a ser conhecida pela sua

Dijina e posteriormente torna-se a herdeira do terreiro tomando a responsabilidade de dirigir o templo que passa a ter um novo nome “Mutalemim”.

4 TAWAMIM/MUTALEMIM: GENEALOGIA SACERDOTAL, ACEITAÇÃO E RECONHECIMENTO - O INÍCIO DE UMA NOVA HISTÓRIA NO TERREIRO

4.1 GENEALOGIA SACERDOTAL

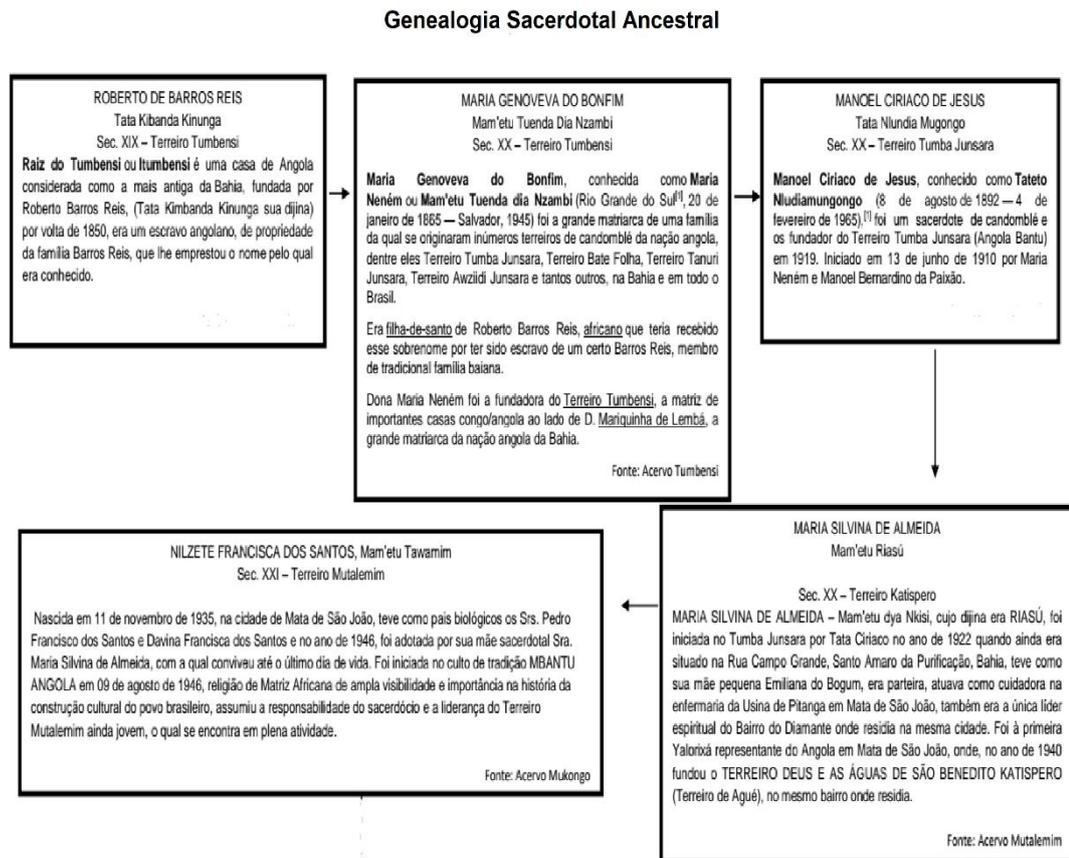
Antes de desenvolver as questões deste capítulo se faz necessário fazer um retorno na história para compreendermos primeiramente a ordem cronológica do legado ancestral da sacerdotisa e assim pontuar de forma imparcial sobre a composição genealógica até o momento de constituição do espaço hoje conhecido como Terreiro de Mutalemim. Nesta direção pesquisei sobre a trajetória sacerdotal ancestral e conseqüentemente da ordem cronológica do grupo familiar a qual pertence Mãe Nilza. Porém, vale salientar que poucos foram os registros encontrados sobre o inicial da família que deu início ao culto da religião tradicional bantu na Bahia. Neste sentido, a maioria das informações vinculadas a respeito da árvore genealógica tem como base os contos e relatos orais acerca do legado ancestral da sacerdotisa pesquisada.

Como afirma o professor Paulo Sergio Adolfo (2009), Tata Kisaba²⁹ do Unzó Tombensi³⁰, (não confundir com Tumbensi) em sua página Ombala Tumbensi que: “a história do candomblé de Congo-Angola no Brasil está amparada quase que só na oralidade do Povo-de-Santo angoleiro e seus registros escritos e bibliográficos expressivos são muito escassos. Os poucos registros existentes são de Edison Carneiro, dignos de crédito, é verdade, mas em alguns momentos extremamente confusos e pouco esclarecedores” (ADOLFO S.P, 2009).

29 Sacerdote responsável pelos segredos do uso das folhas.

30 Terreiro Localizado em São Paulo – Itapecerica da Serra cujo fundador pertence a raiz da casa Matriz Tombensi – Bahia.

Figura 17 - Organograma Sacerdotal Ancestral



Fonte: Nzó Mukongo, 2019.

De acordo com Silva (2017), a história do Candomblé de Angola, denominado, também, como Candomblé Bantu está calcada praticamente na oralidade do angoleiro, pois os registros bibliográficos ainda são poucos expressivos. Desse modo, a partir dos relatos catalogados foi possível traçar a cronologia com base nas comparações e argumentações dos mais antigos e alguns achados literários, que aparece descrito no gráfico acima e que iremos nos deter adiante.

Segundo Paulo Sérgio Adolfo (2009), tudo começa em meados do século XIX, mais precisamente em 1850 com a vinda do africano escravizado Kibanda Kinunga, angolano da província de Cabinda, África austral, de propriedade da família Barros Reis, que lhe emprestou o nome pelo qual era conhecido. Kibanda, foi o fundador do Terreiro Tumbensi. Pouco se sabe sobre este africano e não há registros fotográficos do Tata Kinunga.

Figura 18 - Maria Genoveva do Bomfim



Fonte: Acervo de Domínio Público na Internet em: <http://inzotumbansi.org/home/maria-genoveva-do-bonfim-o-nascimento-da-nacao-congoangola-no-brasil/>, (Acessado em 26/06/2019).

Maria Genoveva do Bonfim (MARIA Neném), Mameto Tuenda Dia Nzambi – nascida em 1865, no Rio Grande do Sul (RS) e faleceu em 1945, na Bahia (BA). Conforme registro no Blog do Nzó Tumbensi o pesquisador e professor Paulo Sergio Adolfo diz que ela foi iniciada no Terreiro Tumbensi³¹, por Roberto Barros Reis (Tata Kinunga), passou a comandar esta casa a partir de 1909, após o falecimento do seu Tata Kimbanda Kinunga. Como disse acima, Maria Neném, Nengwa Twenda Kwa Nzaambii³², era gaúcha e nasceu no dia 20 de janeiro de 1865 e faleceu no dia 01 de abril de 1945. Seu Terreiro se localizava no antigo Bairro do Beiru na rua Melo Moraes Filho, com o Nome de TUMBENSI. Atualmente o Terreiro continua na mesma rua, sendo o Bairro conhecido hoje como Tancredo Neves, e tem á frente a Senhora Geurena Passos Santos, tendo como nome sagrado Nengwa Kwa Nkisi Lembamuxi.

31 1º Terreiro da nação Congo Angola da Bahia.

32 Nome Sacerdotal após a iniciação ou dijina, espécie de apelido que a comunidade tradicional reconhece como nome do recém-iniciado.

Segundo o depoimento oral dos antigos do terreiro Mutalemim, Maria Neném era uma mulher muito enérgica, de semblante fechado, riso difícil, mas de caráter irrepreensível e bom coração, como poder revelar o ato de adotar inúmeras crianças. Alguns falam em 17(dezessete) outros em 21(vinte e um), os quais criou como filhos até a fase adulta. Maria Neném exercia a profissão de corretora de imóveis e Edison Carneiro³³ a coloca na galeria das Sacerdotisas mais amadas da Bahia da sua época.

Para Adolfo fica claro que Adilson Carneiro reconhece a existência de candomblés bantu em suas obras, más os engloba a todos os candomblés não nagôs no rol dos candomblés de caboclo. ele foi um escritor brasileiro, especializado em temas afro-brasileiros, foi um dos maiores etnólogos brasileiros, comprometido com os estudos sobre a cultura afro-brasileira, militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB) a partir da década de 1930. Fez todos os seus estudos em Salvador, até diplomar-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Bahia, em 1936 (turma de 1935). Amigo e camarada de partido do escritor baiano Jorge Amado e do pintor argentino Carybé.

Durante a perseguição movida pelo delegado Pedro Gordilho³⁴, a comunidade tradicional de terreiro principalmente os sacerdotes mais antigos do Tombensi, conta a história quase lendária que Maria Neném foi a única a nunca ser molestada pelo delegado. E que inclusive, corajosamente colocou em sua casa uma placa com os dizeres: Cá te espero, numa clara afronta ao poder do sanguinário delegado.

“Ele não foi nem o primeiro, nem o último delegado a perseguir o candomblé. Foi, porém, um dos mais violentos e temidos, e de certa forma tornou-se um símbolo da perseguição durante uma certa época” (ANGELA LUHING, 1996, p 32).

Mãe Nilza relembra uma música que cresceu ouvindo nos sambas de caboclo que faz alusão a abordagem da polícia e do então delegado Pedro Gordilho.

Estava na beira do brejo,
quando a polícia chegou,
vamos acabar com este samba,
que o delegado mandou.

33 Edilson Carneiro, escritor brasileiro, especializado em temas afro-brasileiros.

34 Pedro de Azevedo Gordilho, popularmente conhecido como Pedrito Gordilho, foi um delegado e chefe de polícia da cidade de Salvador, famoso por sua truculência e pela perseguição ao candomblé e aos capoeiristas, na década de 1920.

Em nota no blog do Terreiro Tumba Junsara onde o escritor Paulo Sérgio Adolfo diz:

É este contexto que o senhor Esmeraldo Emetério de Santana³⁵, afirma que todos os Terreiros de Candomblé Angola, são filhos ou netos de Dona Maria Genoveva do Bonfim, Matriarca do Terreiro Tumbensi. Com ela originou-se aquilo que hoje conhecemos como Raiz de uma das famílias mais frutíferas do povo de santo no Brasil e a partir de Maria Neném, outros(as) guerreiros(as) se uniram para dar continuidade às reverências ao Deus Criador de todas as coisas (Nzambi Mpungu)³⁶ (ADOLFO S. P, 2009; pag 01)

Segundo Registros escritos no blog do Terreiro Tumba Junsara, Maria Neném foi a mãe iniciadora de um dos mais prestigiados pais de santo bantu, Manuel Ciriaco, fundador do Tumba Junsara terreiro que deu origem a uma enorme linhagem; e foi também continuadora dos ritos de iniciação de outro baluarte do candomblé congo-angola, Manuel Bernardino da Paixão, fundador do Bate-Folha, que sendo filho espiritual de Manuel de Nkosi, com o falecimento deste, entregou-se aos cuidados da matriarca, tornando-se dessa forma seu filho de santo.

Figura 19 - Manoel Ciriano de Jesus, Tata Nlundiamungongo



Fonte: Acervo de imagens do Blog ABEMTUMBA-Tumba Junsara disponível em:

<http://www.terreirotumbajunsara.com.br/p/o-tumba-juncara.html>. (Acessado em 26/06/2019).

35 Tata Kambundu do Terreiro Tombensi.

36 Título dado ao Deus Supremo segundo a tradição Bantu.

Segundo dados colhidos na página oficial do Blog do Terreiro Tumba Junsara, A ABENTUMBA (2009) de domínio público, cujo os fatos também são mencionados por alguns dos mais antigos frequentadores do Terreiro de Mutalemim, fica evidente que mesmo não tendo fatos registrados oficialmente os registros imaterial como as lembranças e a oralidade das histórias contadas demonstram credibilidade, uma vez que sua reprodução oral é disseminada entre os praticantes da religião e é de conhecimento de grande parte dos filhos e netos desta vertente ancestral. Desse modo podemos dar continuidade com os registros e assim destacar que dentre os guerreiros de fé iniciado no Tombensi, destacamos nossos patriarcas Manoel Rodrigues do Nascimento (dijina: Kambambe) e Manoel Ciriaco de Jesus (dijina: Nludiamungongo), de quem falamos neste trabalho e que a partir de 1919 fundaram o Terreiro Tumba Junsara em Acupe de Santo Amaro na Bahia. Eles que foram iniciados em 13 de junho de 1910, por Maria Genoveva do Bonfim (Tuenda dia Nzambi, sua dijina), Mam'etu Ria Nkisi do Terreiro Tumbensi, casa de Angola mais antiga da Bahia, e tiveram Sinhá Bada como mãe-pequena e Tio Joaquim como pai-pequeno. Na época da fundação, os dois irmãos receberam de Sinhá Maria Neném os cargos de Tata Kimbanda. O senhor Manoel Ciriaco estabeleceu relações importantes com lideranças de várias casas, como o Bogum, o Gantois e no Ilê Babá Agboulá (Amoreiras), onde obteve cargos reconhecidos até hoje pelos seus líderes. Conta-se que por causa dessa relação estreita com a tradição Jeje, trouxe para o Tumba Junsara, rezas e ritos dessa nação de candomblé.

O Tumba Junsara foi transferido para o bairro Pitanga, no mesmo município, e depois para o bairro Beiru em Salvador. Após algum tempo, foi novamente transferido, para a Ladeira do Pepino nº 70, no bairro de Boa Vista de Brotas. Finalmente, em 1938 passou para a Ladeira da Vila América, Travessa 30 (atualmente Vila Colombina) – Engenho Velho de Brotas, Salvador, Bahia, onde permanece até os dias atuais.

Com a morte de Manoel do Nascimento (Kambambe), em 1928, o senhor Ciriaco assumiu sozinho a direção do Tumba Junsara, dando continuidade à obra outrora iniciada com afinco. Neste período manteve contatos com diversas Casas de Candomblé tanto na Bahia quanto em outros estados, chegando a iniciar muitos filhos de santo, principalmente no Rio de Janeiro, onde fundou um Terreiro também com o mesmo nome, que ao retornar para Salvador, foi fechado. Assim, já enfermo veio a falecer em 4 de fevereiro de 1965. Após a morte do senhor Ciriaco junto com o senhor Narciso Oliveira (Tata Sensala) e o senhor. Nilton Makofá, Deré Lubidí, que dirigia o Terreiro Ntumbensara, realizaram o Ntambi (ritual fúnebre) e em 13 de

dezembro de 1965, Deré Lubidí passa a liderança do seu terreiro hoje situado no bairro de Plataforma aos senhores Benedito Duarte (Tata Nzambangô) e Gregório da Cruz (Tata Lemborasimbe). Posteriormente em ato secreto foi empossada Mam'etu Ria Nkisi do Tumba Junsara para dar continuidade aos ensinamentos dos seus mestres, tendo iniciado vários filhos de santo até em 1988 quando veio a falecer, (ABEMTUMBA,2009).

A senhora Iraildes Maria da Cunha (Mesoeji), nascida aos 26 de junho de 1953 e iniciada em 15 de novembro de 1953 por Deré Lubidí, com quem permaneceu até seus últimos dias, cuidando e apoiando, assumiu a direção do Tumba Junsara e permanece no cargo até o presente momento. Desde que está à frente do Terreiro, a Nengua Mesoeji, além de assumir todas as tarefas religiosas, tem participado de várias ações como a reabertura da casa, a Fundação da Associação Civil, em 1999, o reconhecimento de utilidade pública em 2012, a realização do seminário: Tumba Junsara Redescobrimos sua História; além de cursos e oficinas de formação para a família religiosa e a comunidade. Todo esse trabalho desenvolvido em parceria com a ABENTUMBA, com apoio do seu presidente Esmeraldo Emetério Filho (Tata Zingé Lumbondo), fez com o Terreiro Tumba Junsara recebesse o tombamento provisório pelo IPAC³⁷ e esteja em processo de tombamento pelo IPHAN³⁸.

Convém destacar que segundo o caderno do IPAC, o registro e tombamento são instrumentos legais de proteção do patrimônio cultural. O tombamento se aplica aos bens materiais – edificações, monumentos, objetos, ou seja, significa um conjunto de ações realizadas pelo poder público com o objetivo de preservar, através da aplicação de legislação específica (Lei Estadual nº. 8.895, de 16 de dezembro de 2003), bens de valor histórico, cultural, arquitetônico e de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados. Estes bens devem possuir valor de preservação para todo o Estado da Bahia. Já o registro é aplicado aos bens culturais imateriais – festividades, ofícios e técnicas, saberes e outras expressões culturais. A função desses instrumentos, além de atestar a qualidade do bem e sua importância para o conjunto da sociedade, é protegê-los da ação humana predatória,

37 O Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC) é uma autarquia vinculada à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (Secult), e atua de forma integrada e em articulação com a sociedade e os poderes públicos municipais e federais, na salvaguarda de bens culturais tangíveis e intangíveis, na política pública estadual do patrimônio cultural e no fomento de ações para o fortalecimento das identidades culturais da Bahia.

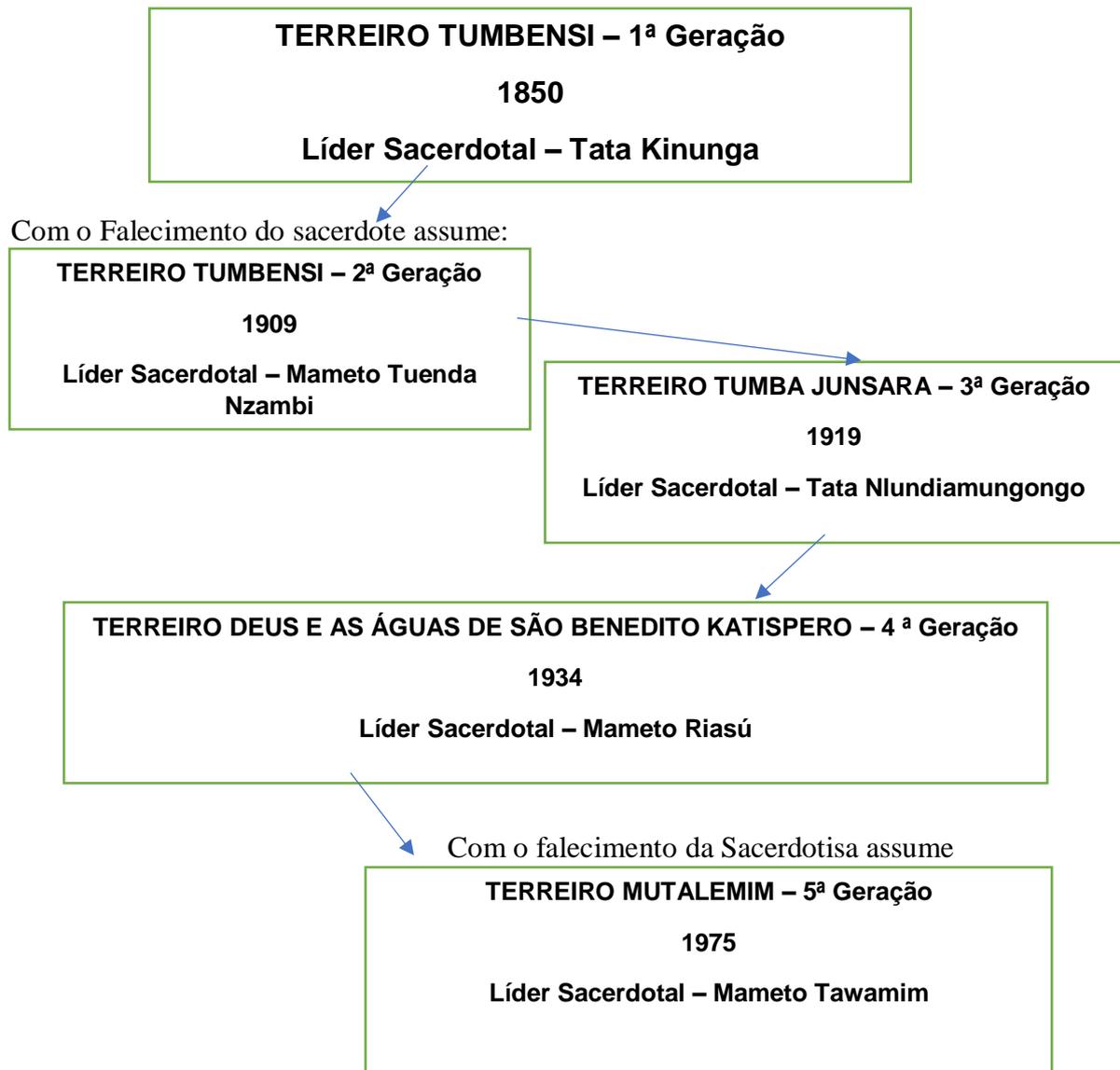
38 O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cidadania que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Cabe ao Iphan proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras.

garantindo a permanência da memória e da identidade social de um determinado local ou comunidade.

Por fim, com o estabelecimento de diversas parcerias, tem motivado a elaboração do Plano de Salvaguarda, no sentido de garantir a preservação do seu patrimônio material e imaterial. Para tanto, a comunidade do ABEMTUMBA e outras associações como o ILABANTU, MUKONGO vem trabalhando arduamente para viabilizar as novas ações voltadas para o fortalecimento institucional, organização da Associação Civil do Terreiro responsável pela manutenção da Casa, acompanhamento e divulgação de todas as atividades desenvolvidas.

4.2 GENEALOGIA SACERDOTAL E ORGANOGRAMA ESTRUTURAL DOS TEMPLOS ANTECESSORES QUE DEU ORIGEM AO MUTALEMIM

Aqui apresento de início um croqui com a estruturação organográfica dos templos deste a fundação do Tumbensi por Roberto Barros Reis até Mãe Nilza no Mutalemim, trazendo um recorte temporal. Este organograma foi elaborado pelo Tata Ndengue do Nzó de Mutalemim (Pai Alex) a fim de estruturar a genealogia de Mãe Nilza.



4.2.1 Aceitação e reconhecimento

Conforme dito anteriormente, após o falecimento de sua mãe de santo, Nilzete Francisca dos Santos, Mãe Nilza ou simplesmente Tawamim passa a liderar o terreiro de Katispero e governar o trono de Agué, divindade que aprendeu a chamar de Pai desde o momento em que foi morar no terreiro com Mãe Menininha.

Figura 20 - Mãe Nilza incorporada com o Nkisi Ngongo Mbila no ritual de Deká



Fonte: Acervo de Imagens do Mutalemim

E agora mais que nunca refeita das adversidades e com mais experiência aos 30 anos de iniciada, após ritual que marcou a transição de liderança, Tawamim tem a incumbência de reorganizar a composição hierárquica da casa como também passar a dirigir as obrigações do terreiro com a ajuda e assessoria dos mais antigos que além de irmãos de santo eram comadres e compadres da nova sacerdotisa.

O antigo Katispero passa a ser chamado agora de “Terreiro Mutalemim” em reverência ao Nkisi da nova matriarca. As funções ritualísticas aos poucos vão retornando e os que não aderiram a nova composição sacerdotal foram convidados a sair do terreiros, outros nem esperaram muito, assim que foram informados da sucessão e quem seria a nova representante titular do trono de Agué trataram imediatamente de pegar seus assentamentos³⁹ e seguir em busca de novos rumos. Sem objeção a nova sacerdotisa entregou os pertences religiosos a quem os expressou vontade. E desse modo, o Terreiro Mutalemim⁴⁰ deu seguimento às suas rotinas e rituais.

39 Igbás em Yorubá – Elementos simbólicos representativos das divindades. Elo de ligação terrena com os iniciados no culto ancestral.

40 Nome atribuído ao antigo Terreiro de Deus e as Águas de São benedito Katispero, em reverência a nova titularidade sacerdotal.

Ainda em 1975 o primeiro barco de noviços foi recolhido e Mãe Nilza competentemente realizou todos os preceitos necessários para o processo iniciático. Neste primeiro momento ainda contou com a ajuda do Babalorixá Valdemar a quem passa também a cuidar espiritualmente da sacerdotisa e por ela ser chamado de Pai. Os primeiros filhos iniciados por Tawamim pertenciam a divindade Kavungu⁴¹, mãe Nilza também teve a ajuda de alguns amigos mais próximos e de seu companheiro, Pai Mario, como era chamado, que mesmo não se tornando o líder da casa ganhou o respeito de todos por permanecer ao lado da sacerdotisa e financeiramente ajudava em tudo que lhe cabia, pois trabalhava como encarregado de elétrica na Coelba e por ter um comportamento sempre amigável, agia com carisma e conquistava a todos que frequentava o templo religioso.

Com o tempo o processo de aceitação foi se instalando imperceptivelmente e a medida que o tempo foi passando, e mãe Nilza teve que abdicar das tarefas foras do terreiro, não mais havia como conciliar as vendas no tabuleiro ou as empreitadas esporádicas, dedicando-se exclusivamente ao Mutalemim e aos afazeres domésticos. Logo após os primeiros barcos deu seguimentos com as obrigações de alguns irmãos e iniciou outros barcos de neófitos. Aos poucos foi ganhando prestígio e sua fama pela cidade ia fazendo jus a decisão do orixá de sua mãe. Entretanto, nem tudo foi sempre um mar de rosas. Mãe Nilza passa a sentir fortes dores no peito e mal-estar constantes, seguidos algumas vezes por desmaio que culminava em constante internamentos médicos, sem diagnóstico preciso. Talvez resquícios dos estresses enfrentados ao logo do tempo e por este motivo seu esposo acabava assumindo alguns rituais internos o que causava estranheza nos filhos da casa, pois essa atitude dele era sempre realizada sem o conhecimento da sacerdotisa e como ele também detinha o título de sacerdote os mais novos não o questionavam. Más, ficava evidente aí um processo de disputa silenciosa pela direção do templo.

As frequentes idas e vindas ao médico e os constantes internamentos de mãe Nilza a afastava dos afazeres religiosos e assim os consulentes e alguns filhos passaram a se consultar ou realizar obrigações com seu esposo. De certa forma, mãe Nilza se mantinha neutra, não o proibia e nem nada questionava apenas dizia: *“que era filha legitima de Katispero e que não brigaria por algo que era dela por direito”*. (MÃE NILZA 2019).

41 Divindade do panteão bantu que rege o processo das enfermidades e curas, sincreticamente associados a São Lázaro no catolicismo.

A relação afetiva fica cada vez mais complicada e a convivência insuportável diante de várias brigas por motivos de traição conforme relata mãe Nilza em nossas conversas informais.

Diagnosticada com arritmia severa e uma gravidez ectópica⁴² inesperada, passou a ter que ir a capital mais de uma vez por semana para se tratar e em uma tarde atípica quando menos esperavam Nkosi⁴³ apareceu no terreiro e determinou que fosse feita uma obrigação para a sacerdotisa em prol de sua saúde, que foi acatado de imediato e livre das dores e do mal estar mãe Nilza retoma vagarosamente as obrigações da casa, desta vez iniciando o primeiro barco composto por uma divindade Yorubá.

O orixá de uma consulente e conhecida da família decide receber o sacramento pelas mãos de uma sacerdotisa bantu e em meio as críticas de alguns mais velhos da casa, mãe Nilza decide seguir em frente com o propósito de iniciação deste orixá que inicialmente seria fruto de falácias de toda comunidade tradicional. A yaô estava recolhida e para surpresa de todos na semana da saída Mãe Nilza anuncia que a divindade que iria ser trazida a público era Ayra e que por decisão dele, aceitação dela e por Agué não se opor nem Ngongombila, a partir daquela data a casa estaria aberta a receber entidades de outras nações, se tornando assim um terreiro de culto misto.

Estava agora mais do que nunca evidente a marca da aceitação do compromisso e do tamanho da ousadia e competência de Mãe Nilza, que de maneira razoável sempre tomava a decisão certa e tinha sempre a palavra certa nos momentos oportunos. E assim a vida foi seguindo. E assim foram os demais dias que se seguiram, repletos de obrigações internas e preceitos votivos⁴⁴ para as divindades.

De uma vez por todas e sem mais dúvidas mãe Nilza se reconhece como a legítima herdeira do terreiro e mesmo depois de alguns conflitos internos e saídas de membros da casa ela se manteve firme e decidida a seguir com o propósito que lhe fora incumbido.

O reconhecimento pela sua competência a frente da casa era notado devido ao fluxo de pessoas que frequentavam a casa, médicos, advogados, personalidades públicas e artistas locais; sem falar a somatória de outros sacerdotes de cidades circunvizinhas que a procurava para receber orientações e assim ela ia se tornando uma importante referência do candomblé do

42 Tipo de Gestação fora do útero.

43 Divindade Bantu senhor da guerra e da agricultura.

44 O mesmo que: promessas.

interior da Bahia e cidades circunvizinhas a Mata de São João, realizou diversas iniciações em outros templos a exemplo do terreiro liderado por Tata Benedito de São Sebastião do Passé que além de amigo particular era tesoureiro da Federação Nacional do Culto Afro-Brasileiro – FENACAB, além de tantos outros.

O Mutalemim se mantinha de pé e tomava novo formato, ganhava visibilidade e se tornou referência do culto aos Nkisi naquela região, hoje sendo o templo mais antigo da cidade de Mata de São João, que entre os 16 (dezesesseis) terreiros existentes, ostenta o título de mais velhos templo de culto as divindades bantu no município, porém dentro da cidade não há nenhum templo descendente do Mutalemim, os filhos iniciados por mãe Nilza que abriram terreiros migraram para outras localidades a exemplo do Taata Mukalesimbi (Pai Alex) que além de ser o Taata Ndengue do Mutalemim dirige o Nzó de Mutalesikongo em São Francisco do Conde.

4.3 INÍCIO DE UMA NOVA HISTÓRIA NO TERREIRO

Figura 21 - Entrada Principal do Terreiro Mutalemim



Fonte: Foto produzida pelo pesquisador durante pesquisa de campo, autor Alcides Barreto.

Só após a iniciação do 4º(quatro) barco de muzenza⁴⁵, composto pelas divindades: Nkasuté Lembá, Nzazi, Uambulu Nsema, Teleko Mpensu⁴⁶ em 1990, que Tawamim resolve romper os laços afetivo com seu esposo, más não os laços religiosos, uma vez que os seus assentamentos permaneceriam ainda nas dependências do Mutalemim. Com esse rompimento, mãe Nilza dá início a uma nova história no templo, agora não sem a influência direta do seu esposo, que indiretamente comandava o espaço sagrado e assim, de uma vez por todas, a disputa pelo legado terminaria.

Mãe Nilza, seus filhos iniciados, alguns irmãos de santo e seu único filho biológico que mesmo gostando de tocar atabaques não se iniciou na religião, mais frequenta a casa e sempre que pode ajudar durante as cerimônias tocando os tambores ritualísticos. Assim todos seguiram com suas rotinas e assim a vida cotidiana no Mutalemim fluía. Várias outras iniciações aconteceram e tudo transcorria bem até que Mario, seu ex-marido cai doente e recorre a ela para cuidar dele. Já a algum tempo eles não conviviam maritalmente e até ele já havia construído um templo para continuar sua vida sacerdotal fora do Mutalemim. Nesta altura Pai Mario já havia constituído outra família, mas com a doença se sentiu vulnerável e mesmo tendo filhos de santo e outros filhos biológicos fora do casamento não se sentia bem se não fosse sob os cuidados de sua primeira esposa conforme relata. Mãe Nilza, ela não mediu esforços para ajudar mais não aceitou tratá-lo dentro do terreiro, impôs a condição de ajudar no que for preciso, porém, ele na casa dele e ela na dela.

Sempre enviava seus filhos para realizar tarefas no terreiro de pai Mario, como também ajudava nos remédios e por vezes mandava-lhes alimentos como também o acompanhava ao médico e em uma das vezes em que ficou internado no Hospital Octávio Mangabeira, mãe Nilza se disponibilizou a visitá-lo e lá realizava atos e até autorizava filhos de santo mais velhos a realizar trabalhos e sacudimentos, chás, banhos ritualísticos com intuito de acelerar o processo de cura, conforme nos relatou Mãe Nilza, fato este que aconteceu em 45 dias depois. Já reestabelecido e em seu terreiro, mãe Nilza orienta a seu filho de Kabila com uma filha de Nzazi a realizar uma obrigação para Kisimbi com o pretexto de dar-lhes mais vitalidade para seguir sua vida. E assim foi, Pai Mario melhorou expressivamente e continuou com suas rotinas agora sem os cuidados de mãe Nilza nos anos de 2000.

45 Nome dado ao recém-iniciado nas casas de origem bantu.

46 Divindades Bantu comumente associadas a Oxalá, Xangô, Oyá e Logum edé dos Yorubás.

O Mutalemim em sua composição sacerdotal na atualidade não detém da presença física de muitos dos filhos que lá foram iniciados, alguns migraram para outros seguimentos religiosos como o Catolicismo e o Protestantismo, cerca de 12 (doze) filhos e outros 15 para templos de outros zeladores. E a composição hierárquica do Mutalemim na atualidade é composta por: Mãe Nilza Nengua ia Mukixi (sacerdotisa), Rita de Cássia Mameto Ndengue (Mãe Pequena), Alexandro Paulilo Tateto Ndengue (Pai Pequeno), Rosane Machado Kota Ndemburu (Mãe Criadeira), além das Makotas, Tatas Kambondus e as kotas que auxiliam nas diversas atividades do terreiro.

Figura 22 - Mário dos Santos (Tata Orodeusi)



Fonte: Acervo Fotográfico do Mutalemim, 2019.

Em 07 de novembro 2007 faleceu Pai Mario, ex-esposo de Mãe Nilza vítima de infarto agudo do miocárdio e embolia pulmonar deixando atual companheira, filhos biológicos e filhos de santos, além de importantes serviços prestados á comunidade tradicional de terreiro. A pedido de Mãe Nilza o ritual de Mukondo foi presidido pelo Taata Benedito (Burunguzu) de

São Sebastião do Passé, seu terreiro não se manteve e com a ausência de alguém competente para liderar o templo, tudo que era de Pai Mario foi desfeito e sua casa fechada definitivamente.

Como aparece nos relatos colhidos durante a pesquisa e na minha convivência como iniciado da casa, Um dos pontos altos de ascensão da sacerdotisa neste local foi a cerimônia pública de celebração dos 70 (setenta) anos de iniciada, evento que rendeu a Mãe Nilza homenagens feita por representante do poder público municipal e diversas outras homenagens vindas da comunidade tradicional. Além de todo reconhecimento da comunidade tradicional e da sociedade Matense, Mãe Nilza recebeu importante prêmio que outorga a ela a qualidade de sacerdotisa da religião de matriz africana que tem importantes serviços prestados à comunidade como também infere a ela a comenda Garcia D'Ávila⁴⁷, em 31 de maio de 2017, por se destacar como personalidade que mais influencia a cultura e a tradição afro no município. Neste evento os registros fotográficos feitos por familiares é a única comprovação uma vez que não houve cobertura da imprensa local e a câmara de vereadores não disponibilizou os nomes dos premiados para a página do jornal Mais Região que em nota salienta:

A Câmara Municipal de Mata de São João homenageia em sessão solene, nesta quarta-feira (31), personalidades do município com a Comenda Garcia d'Ávila. A iniciativa, idealizada pelo presidente, vereador Agnaldo de Lulu (DEM), será realizada pela primeira vez na Casa. De acordo com Agnaldo, o evento tem como finalidade o reconhecimento de cidadãos Matense que empreenderam esforços em prol da coletividade, além de ser uma forma de incentivo para que outras pessoas também possam empreender ações nesse sentido. (MAIS REGIÃO, 2017).

Vale ressaltar que mãe Nilza iniciou mais de 150 (cento e cinquenta) pessoas entre filhos iniciados no Mutalemim e em casas de amigos que acabavam dando a ela para ser mãe pequena e nas casas de seus filhos, iniciando assim os seus netos de santo. Dos filhos legítimos, ou seja, iniciados no Mutalemim apenas 3(três) deles se tornaram posteriormente sacerdotes (isas).

⁴⁷ Certificado e Comenda Garcia D'Ávila em alusão a data comemorativa dos 70 anos de iniciação e pelos relevantes serviços prestados a sociedade matense. Título de Reconhecimento de Personalidade Matense em cerimônia de menção Honrosa na Câmara Municipal de Mata de São João, BA.

Figura 23 - Diploma emitido pela Câmara Municipal de Vereadores de Mata de São João em alusão a celebração da Comenda García D'Ávila



Fonte: Foto produzida pelo pesquisador durante pesquisa de campo, autor Alcides Barreto, 2019.

Figura 24 - Comenda García D'Ávila



Fonte: Foto produzida pelo pesquisador durante pesquisa de campo, autor Alcides Barreto, 2019.

Figura 25 - Placa de Reconhecimento pelos importantes serviços sacerdotais prestados na comunidade tradicional, ofertado em cerimônia pública em um terreiro de tradição bantu na cidade de Pojuca



Fonte: Foto produzida pelo pesquisador durante pesquisa de campo, autor Alcides Barreto, 2019.

Figura 26 - Prêmio Destaque e Influência - Lélia Gonzalez, que tem como objetivo reconhecer a militância de mulheres negras que através de atividades sociocultural incentiva e promove os saberes



Fonte: Foto produzida pelo pesquisador durante pesquisa de campo, autor Alcides Barreto, 2019.

Buscando dar ênfase a premiação acima para promoção do conhecimento vale ressaltar que de acordo com Gabriela da Costa Gonçalves (2019), Lélia Gonzalez, foi uma ativista e intelectual negra; denunciou o racismo e o sexismo como formas de violência que subalternizam as mulheres negras. Nascida em Belo Horizonte, no dia 1º de fevereiro de 1935, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde graduou-se em História e Geografia, fez mestrado em Comunicação e doutorado em Antropologia Política. Atuou como professora em escolas de nível médio, faculdades e universidades. Iniciou o primeiro curso de Cultura Negra na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV). Para Lélia Gonzalez, o conceito de cultura deveria ser pensado em pluralidade e servir como elemento de conscientização política. Neste sentido, por meio do curso de Cultura Negra, propunha uma análise da contribuição africana na formação histórica e cultural brasileira, tendo incorporado ao currículo aulas práticas de dança afro-brasileira, capoeira e o conhecimento das religiões de matriz africana.

Foi uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado contra Discriminação e o Racismo (MNUCDR), em 1978, atualmente Movimento Negro Unificado (MNU), principal organização na luta do povo negro no Brasil e, integrou a Assessoria Política do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras.

Lélia também ajudou a fundar o Grupo *Nzinga*, um coletivo de mulheres negras e integrou o conselho consultivo da Diretoria do Departamento Feminino do Granes Quilombo. Uma das primeiras obras publicadas pela ativista foi o artigo “*Mulher negra: um retrato*” e, na década de 80, publicou seu primeiro livro “*Lugar de negro*” em parceria com o sociólogo Carlos Hasenbalg. A obra trouxe um panorama histórico do modelo econômico de 1964, a inserção da população negra neste cenário e o resgate histórico dos movimentos sociais negros. Publicou em 1987 o livro “*Festas Populares no Brasil*”, onde registra as festas populares espalhadas pelo Brasil, traduzindo a diversidade das manifestações culturais de cunho religioso ou não. Além da festividade a obra mostra os laços indissociáveis entre Brasil e África.

Figura 27 - Nilzete Francisca dos Santos (Mãe Nilza Tawamim)
Sacerdotisa do Culto Tradicional Mbantu 2017



Fonte: Foto produzida pelo pesquisador durante pesquisa de campo, autor Alcides Barreto antes cerimônia de premiação na Câmara de Vereadores, 2019.

No ano de 2015, mãe Nilza decide estudar e se matricula na escola Municipal Polivalente, aderindo ao projeto de Alfabetização do Programa TOPA⁴⁸ – Todos pela Alfabetização do Governo do Estado, podendo assim realizar seu sonho de aprender a ler. Mãe Nilza estudou até o 4º ano do ensino fundamental e só não deu continuidade por conta dos problemas de saúde que surgiram. Em seu relato deixa explícito o valor que atribui a educação escolar e o que significa para ela ter se alfabetizado: “Pensei que iria morrer analfabeta, mais graças a Deus e aos orixás pude aprender mais um pouquinho e hoje estou letrada, (risos)”. (MÃE NILZA, 2019).

Figura 28 - MAMETO TAWAMIM / Sacerdotisa do Terreiro Mutalemim 2017



Fonte: Foto produzida pelo pesquisador durante pesquisa de campo, autor Alcides Barreto.

Antes da cerimônia de premiação na Câmara de Vereadores, 2019.

48 Programa de Alfabetização do Governo do Estado que visa promover uma educação de qualidade para a população de jovens, adultos e idosos, assegurando seu ingresso e permanência na escola, garantindo-lhes as oportunidades necessárias à apropriação da leitura e da escrita e criando as condições objetivas para a inclusão social, política, econômica e cultural desses sujeitos.

Por volta do ano de 2018, mãe Nilza foi diagnosticada com um câncer de endométrio e desde então vem sendo acompanhada por especialistas que a fim de tratar a patologia. Mesmo com a saúde fragilizada nunca deixou seu compromisso sacerdotal e continua em pleno exercício religioso dirigindo com garra e maestria o Terreiro de Mutalemim, dando exemplo e testemunho de compromisso e fé com a ancestralidade e com o legado matriarcal daquela casa que um dia havia te acolhido como filha, e, hoje na condição mãe segue firme independente das circunstâncias, demonstrando assim o poder da mulher negra de candomblé de que não só encontra seu lugar ao sol mais serve de exemplo para muitas outras mulheres que a partir da religião asseguram a visibilidade e representatividade que luta contra um sistema opressor, ditador em uma sociedade machista, sexista, racista e intolerante. Mãe Nilza fez e continua fazendo sua história servindo e dando exemplo de resistência e fé com podemos destacar no trecho abaixo: *“Você pode até cair, mais é você quem decide se deve ficar no chão. Graças a Deus e aos meus Nkisi todas as vezes em que tombei o Orixá me levantou”* (Mãe Nilza, 2019).

Neste sentido, paralelamente pude observar a ligação entre outras comunidades de mulheres negras que pertencem ao candomblé e ascende a partir do seu empoderamento e assim asseguram sua participação e visibilidade no contexto da existência enquanto mulher e líder,

O terreiro e suas mulheres eram representados no sentido inverso do discurso daqueles que se autodenominavam como a parte sã da civilizada e heroica da cidade de cachoeira. Esses setores reconheciam, mais não admitiam a “alta dignidade” que o candomblé proporcionava aos seus participantes, oferecendo uma dimensão espiritual, material e estética de vida e resistência às adversidades. (EDMAR FERREIRA SANTOS, 2009, cap. IV pág. 145-146)

Figura 29 - Mulheres do Nzó de Mutalemim 2017



Fonte: Foto produzida pelo pesquisador durante pesquisa de campo, Autor Alcides Barreto, após cerimônia de premiação na Câmara de Vereadores, 2019.

Ano de 2019 e o Terreiro de Mutalemim continua funcionando no mesmo endereço, e desde a sua composição inicial com sua fundação por Mãe Menininha de Agué até o presente momento somam-se quase 90 (noventa) anos, espaço este que mantém conservado através de Mãe Nilza a herança sagrada dos Nkisi e os ensinamentos de sua mãe iniciadora, Mãe Nilza mantém viva não só a tradição e os costumes do candomblé de angola em Mata de São João, más toda uma história viva naquele solo sagrado e sendo este espaço um templo que carrega consigo o título de terreiro mais antigo da religião de matriz africana de raiz banto que preserva em si os aspectos identitários que o torna referência em toda cidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto pesquisador comprometido com a ideia de fazer uma reflexão sobre o sentimento de pertencimento das mulheres praticantes da religião de matriz africana e principalmente aquelas que mesmo diante da adversidade da vida conseguem superar os obstáculos e driblar o medo na busca pelo ideal de dignidade e garantia do direito de professar sua fé e ser quem é. Esta pesquisa buscou traçar a trajetória de vida de uma mulher que se torna sacerdotisa e através da sua religião alcança seu espaço de respeito. A subjetividade da negação que contrasta com visibilidade da mulher negra, guerreira que se empodera a partir da religião e desafia o sistema opressor eugenista que de toda forma sempre contribuiu para a invisibilidade do papel da mulher na sociedade, além de negatizar a religião do candomblé e seus praticantes, associando-os a serem que professavam uma fé demoníaca.

Entretanto, através das buscas e análises realizadas dos aportes literário que ao logo do percurso puderam subsidiar positivamente para a construção desse trabalho e assim concluir que esta pesquisa descortinaria diversos aspectos relevantes que proporcionará profunda reflexão e perpassa as questões sobre aceitação, religiosidade, empoderamento no que diz respeito às questões de autoafirmação, superação, racismo, preconceito, machismo e para além de tudo isso, a pesquisa ressalta a importante contribuição do matriarcado sacerdotal e as contribuições para a sociedade.

Não foi difícil perceber que religiosidade tem papel importante na formação e na produção do saber empírico que a maioria das sacerdotisas mesmo não portando conhecimento acadêmico consegue e de uma forma simples e peculiar liderar, formar opiniões e dar novos contextos e sentidos a vida de outras pessoas. Não foi diferente com a senhora Nilzete Francisca dos Santos (Mãe Nilza), que mesmo diante dos os altos e baixos pôde se tornar uma referência em sua comunidade driblando os mecanismos perversos da segregação racial, das dificuldades socioeconômicas e dos subterfúgios religiosos associativos com outros seguimentos a fim de desarticular a prática da religião de matriz africana e cultura afro-brasileira na sua época.

Buscando discutir ou abordar temas como o empoderamento da mulher negra na atualidade e o desafio de se manter à frente como liderança a alcançar um prestígio que antes era atribuído apenas ao sexo masculino, tratar da história de Mãe Nilza pra mim foi, na verdade, poder desconstruir uma imagem que ao logo do tempo coloca a mulher negra como um ser submisso, frágil, incapaz e dependente que desde a época da escravatura sempre esteve

escondida atrás dos fogões de lenha das casas grandes e depois se manteve silenciadas atrás da voz de seus maridos. Resíduo de um comportamento eurocêntrico patriarcal, coronelista que ditava as regras e que sempre subjugou o potencial da mulher.

Algumas considerações demandaram uma reflexão mais aprofundada e para isso foi preciso me debruçar nos elementos fornecidos pelos relatos orais, nos meus registros de observações, percepções e interpretações, nas memórias dos entraves e das diversas situações vivenciadas por mãe Nilza, desde o momento de sua adoção por “Mãe Menininha de Agué” até os dias atuais, pois corroboram e dão subsídios palpáveis para evidenciar a força da mulher negra, o talento para se reinventar e a capacidade de refazer e determinar novos rumos em sua trajetória. Esta peculiaridade é uma característica ímpar das mulheres negras e em especial das mulheres de candomblé que lideram os templos religiosos e conseguem dirigir com maestrias não só a sua vida mais a de muitos que dependem de suas orientações.

Contudo, a busca realizada ao logo da pesquisa por material de suporte para embasamento teórico pode fundamentar tudo que se estava sendo apresentado por Mãe Nilza. As questões referentes a necessidade de ser entregue para adoção de forma informal a fim de assegurar a vida era uma prática comum e a maioria dos pais que não detinham condições financeiras acabavam por utilizar desse caminho na certeza que seus filhos estariam salvos dos problemas; enfim,, as dificuldades enfrentadas na sua trajetória e a forma de lidar com toda adversidade. Nada foi capaz de fazer Nilzete desistir, muito pelo contrário ela cada vez mais tinha certeza da sua missão e isso fazia com que ela insistisse em continuar lutando por aquilo que acreditava.

Outro aspecto importante é o comportamento machista predominante na sociedade até os dias atuais, como disse, fruto de anos da influência da colonização portuguesa. E para dialogar com este aspecto, um dos trechos que me chamou atenção no artigo do pesquisador Marlon Marcos Passos, foi:

O sentido de mundos femininos frente ao domínio patriarcal e machista da sociedade baiana nos anos 30 (trinta) (e certamente até os dias atuais) é fundamental para se falar da fundação de um terreiro entre os anos de 1936 e 1937, por uma mulher que, não necessariamente sozinha, através do seu comércio de alimentos sustentou durante anos uma comunidade, exercendo poderes simbólicos e concretos e ajudando a reescrever a história de tantas outras pessoas que passaram por seu caminho (PASSOS, 2016).

Por fim, ocupando o meu lugar de fala enquanto uma pessoa que defende e protege os princípios da religião de Matriz Africana, não poderia nunca deixar de pontuar que este espaço é de fato um lugar inclusivo e ocupa-se inteiramente em promover saberes, tanto para o meio acadêmico quanto para a comunidade civil que por intermédio das intervenções do exercício religioso promove de forma sublime a produção das mais diversas formas de saberes.

Apresentar através deste trabalho a história da trajetória de vida de uma criança que se tornou uma sacerdotisa bantu e que foi adotada por sua mãe iniciática, e, mais tarde vem a se tornar herdeira de um legado quase centenário numa cidade do interior da Bahia, que por merecimento tem o reconhecimento em vida das autoridades locais e da comunidade tradicional pelos relevantes serviços prestados em sua comunidade, remonta toda uma discussão que traz orgulho e que coloca a mulher como peça fundamental na diáspora e exalta a sua condição de líder para além da ancestralidade.

“Me tornei aquilo que um dia Oxóssi sonhou pra mim”

(Mãe Nilza).

REFERÊNCIAS

ADOLFO, S P. **Associação Beneficente de Manutenção e Defesa do Terreiro Tumba Junsara : ABENTUMBA**. Disponível em <http://www.terreiotumbajunsara.com.br/p/o-tumba-juncara.html>. (Acessado em 24 março 2019 as 16:30 horas).

BARBOSA S. Heráclito dos. **Mãe Mira: A estrela Negra da Costa do Dendê; Memória e Trajetória de uma Sacerdotisa do candomblé Angola do território do baixo Sul da Bahia**. São Francisco do Conde/BA, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, 2016.

BOTÃO S.U. R. **Para além da Nagocracia: a (re)Africanização do Candomblé nação Angola-Congo em São Paulo**. São Paulo. UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS, CÂMPUS DE MARÍLIA, 2007.

CAETANO S. J Vilson. **CORUJEBÓ**. Salvador/BA, EDUFBA, (54), 2018.

CONTENTE R S, CAVALCANTE C I L, SILVA C S S. **Adoção e Preparação Infantil na Percepção dos Profissionais do Juizado da Infância e Juventude de Belém/PA**. Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Guamá, Guamá, Belém/PA, 2013.

FONSECA F F, SENA R K R, et.al. **As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção**. Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Montes Claros/MG, Brasil, 2013.

GONZALEZ, Lélia. **Retratos Do Brasil Negro**: Disponível em http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2260:catid=28&Itemid=23. (Acessado em 22 de junho 2019 as 16:30 horas).

LIMA, Vivaldo da Costa. **O candomblé da Bahia na década de 1930**. Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2004.

LÜHNING, Ângela. Povo Negro: acabem com este Santos Pedrito vem aí: mito e realidade da perseguição policial ao candomblé baiano entre 1920 e 1942. In. **Revista USP**. São Paulo, (28), p. 194-220, dezembro/fevereiro, 1995/1996.

MATENSE, Ricardo. Barão Açú da Torre. Disponível em: <https://www.geni.com/people/Luis-Antonio-Sim%C3%B5es-Meireles-1%C2%BA-bar%C3%A3o-de-A%C3%A7u-da-Torre/6000000024961660286>. (Acessado em 22 de junho 2019 as 16:30 horas).

MELLO, Marcelo M. **Caminhos Criativos da História: territórios da memória em uma comunidade negra rural**. Universidade Estadual de Campinas, 2008.

NASCIMENTO, Daniela N. **Territorialidades Candeenses: de polo de atração religiosa a cidade petroleira**. Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2014.

NUNES, Erivaldo S. **Contribuição para a história do candomblé Congo–Angola na Bahia: O Terreiro de Bernardino do Bate Folha (1916-1946)**. Universidade federal da Bahia - UFBA, 2017.

PASSOS, Marlon Marcos V. **Iyá Zulmira De Zumbá: uma Trajetória Entre Nações De Candomblé**. Universidade federal da Bahia – UFBA, 2016.

PAULINA E FERREIRA et al.: **Processo de vinculação afetiva de crianças adotadas na perspectiva dos pais adotantes**. São Paulo, Brasil. Boletim Academia Paulista de Psicologia, v. 38, nº 94, 2018.

PRODANOV, C.C.; FREITAS, E.C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Nova Hamburgo- Rio Grande do Sul-Brasil, 2013.

RATTS, Alex. **Eu Sou Atlântica Sobre A Trajetória De Vida De Beatriz Nascimento**. Rio de Janeiro. Editora Imprensa Oficial – Instituto KUANZA, 2006.

RIBEIRO, Josenilda O. **Sincretismo Religioso No Brasil: Uma Análise Histórica Das Transformações No Catolicismo, Evangelismo, Candomblé E Espiritismo**. Recife/PE. Universidade Federal De Pernambuco Centro De Ciências Sociais, 2012.

SANTOS, Edmar F. **O Poder dos Candomblés: Perseguição e Resistência no Recôncavo da Bahia**; Editora – EDUFBA 2019, p. 145 – 146.

SILVA, Jeusamir A. **Candomblé Bantu: As Quatro Raízes Baianas E Perspectivas De Casas Pioneiras Na Baixada Fluminense**. Recôncavo: Revista de História da UNIABEU, v. 7, n. 12, janeiro-julho, 2017.

SOUZA, Cristiane S. **Do Interior para a periferia: mulheres negras liderando lutas por moradia em Salvador, Bahia, Brasil**. Labrys, Études Féministes/Estudos Feministas, 2017–2018.

SILVA, Ismael Diogo da. **Angola Ontem e Hoje in Matriz Africana no Mundo**. In NASCIMENTO, Elisa L. (Org.). São Paulo: Editora Selo Negro, COLEÇÃO SANKOFA I, 2008.

FONTES DOCUMENTAIS E ORAIS

Entrevistas e Relatos

- Alexandro Paulilo dos Santos Tata Kamunkenge Mukalesimbi
- Maria Efigênia dos Santos – Kota Madobi
- Nilzete Francisca dos Santos – Mam’etu ria Nkisi Tawamim
- Rita de Cassia Araújo - Yalorixá
- Rosane dos Santos Machado – Kota Ndemburu Twangelê

Acervos documentais

- Acervo do Mutalemim – Álbum pessoal de Nilzete Francisca dos Santos
- Acervo do Grupo de Estudos Afro-Bantu do MUTALESIKONGO
- Acervo da Sociedade Bantu Quilombos do Vencimento
- Acervo da Biblioteca Akibantu do Tumba Junsara
- ABENTUMBA - Associação Beneficente de Manutenção e Defesa do Terreiro Tumba Junsara - <http://www.terreiotumbajunsara.com.br/?m=1>.
- BLOG ILABANTU: Pagina do Ombala Tumbansi: Disponível em <http://inzotumbansi.org/home/maria-genoveva-do-bonfim-o-nascimento-da-nacao-congoangola-no-brasil/>. (Acessado em 22 de março 2019 as 16:30 horas)
- IBGE Instituto Brasileiro de geografia e Estatística. Disponível em: <https://ibge.gov.br/>. (Acessado em 22 de março 2019 as 16:30 horas)

ANEXOS



Nilzete Francisca do Santos aos 45 anos

Fonte: Acervo do Mutalemim, 2019.



Carteira de Identidade Sacerdotal de Mãe Nilza

Fonte: Acervo do Mutalemim, 2019.



Certificado emitido pela FENACAB a Mãe Nilza outorgado o direito do ofício de sacerdotisa

Fonte: Acervo do Mutalemim, 2019.



Alvará de liberação para funcionamento do templo expedido pela FENACAB

Fonte: Acervo do Mutalemim 2019.



Certificado comemorativo emitido pela FENACAB pelos 50 anos de iniciação de Mãe Nilza
 Fonte: Acervo do Mutalemim, 2019.



Certificado emitido pela FENACAB a Mãe Nilza por ela ser membro filiada da instituição a mais 50 anos
 Fonte: Acervo do Mutalemim, 2019.



Certificado conferido a Mãe Nilza pela Secretaria de Saúde do Município de Mata de São João por ela ter atuado como delegada usuária na 1ª Conferência Municipal de Saúde em 2003. Fonte: Acervo do Mutalemim, 2019.



Certificado emitido pela FENACAB alusivo a isenção definitiva das contribuições anuais pelo fato de ter mais de 50 anos de iniciação. Fonte: Acervo do Mutalemim, 2019.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável o (a) aluno(a) de graduação **Alcides Santos Barreto**, do curso de **Bacharelado Em Humanidades** da Universidade **UNILAB**, no CAMPUS Dos **Malés**, que pode ser contatado pelo e-mail **Cidebarreto@gmail.com** e pelos telefones (71) 9 9664 - 2367. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas, visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização de um trabalho de conclusão do curso de graduação **Bacharelado Em Humanidades**. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos serão divulgados, com minha autorização desde já, imagens e áudios podem ser disponibilizados afim de contribuir com a veracidade desta entrevista e que nesse caso não se configura necessidade de se preservar o anonimato dos participantes. O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

cribz ue francisca das santos

Assinatura

São Francisco do Conde, BA 24 de Julho de 2019.